

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA – FAIND
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE

Edilaine Castelão Duarte

**Puru’a, membyha ary, kunha nhenhongatu,
mboery ha jari rembiapo Sassoró pigua:
rituais e práticas das parteiras kaiowá de Sassoró**

Dourados
2025

Edilaine Castelão Duarte

**Puru'a, membyha ary, kunha nhenhongatu,
mboery ha jari rembiapo Sassoró pega:
rituais e práticas das parteiras kaïowá de Sassoró**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Educação e Territorialidade da Universidade Federal
da Grande Dourados (UFGD) para a obtenção do título
de mestra em Educação e Territorialidade.

Orientadora: Profª. Dra. Rosa Sebastiana Colman

Área de concentração:
Desenvolvimento e Políticas Públicas

Linha de Pesquisa: Território e Sustentabilidade

Dourados

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

D812p Duarte, Edilaine Castelao

Puru'a, membyha ary, kunha nhenhongatu, mboery ha jari rembiapo Sassoró pegua: rituais e práticas das parteiras kaiowá de Sassoró [recurso eletrônico] / Edilaine Castelao Duarte. -- 2025.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Rosa Sebastiana Colman.

Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2025.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Parteiras kaiowá. 2. Medicina tradicional. 3. Saberes ancestrais. I. Colman, Rosa Sebastiana.
II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR EDILAINE CASTELAO DUARTE, ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO "DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS".

Aos três dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e cinco, às nove horas, em sessão pública, realizou-se na Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada **"Gravidez, Parto e Puerpério: Rituais e Práticas das Parteiras Kaiowá da Reserva de Sassóro."**, apresentada pela mestrande Edilaine Castela Duarte, do Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Prof. Dr.^a Rosa Sebastiana Colman/UFGD (presidente/orientador), Prof.^a Dr.^a Lauriene Seraguza Olegario e Souza/UFGD (membro titular interno), Prof.^a Dr.^a Catia Paranhos Martins/UFGD (membro titular externo). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer à candidata e aos integrantes da banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após a candidata ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a candidata considerada APROVADA. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados/MS, 03 de março de 2025.

Documento assinado digitalmente
gov.br ROSA SEBASTIANA COLMAN
Data: 07/03/2025 19:23:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr.^a Rosa Sebastiana Colman
Presidente/orientador

Documento assinado digitalmente
gov.br LAURIENE SERAGUZA OLEGARIO E SOUZA
Data: 12/03/2025 15:55:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Lauriene Seraguza Olegario e
Souza
Membro Titular Interno

Documento assinado digitalmente
gov.br CATIA PARANHOS MARTINS
Data: 08/03/2025 14:25:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Catia Paranhos Martins
Membro Titular Externo

(PARA USO EXCLUSIVO DA PROPP)

Dedico este trabalho a todas as Parteiras Guarani Kaiowá
que resistem com seus saberes e conhecimentos ancestrais.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação só foi possível de construir porque tive pessoas que contribuíram com este trabalho. Primeiramente agradeço a Nhandrugusu, Deus, por me dar forças e sabedoria para chegar até aqui.

Quero agradecer especialmente às minhas duas avós (*in memoriam*), Delmira Gonçalves e Adelina Lopes Castelhão, que me ensinaram sobre a importância das plantas medicinais, a importância de manejar a floresta, de respeitar os espíritos e os seres neles existentes.

Ao PPGET-FAIND por ter acolhido a minha pesquisa. Como pesquisadora kaioiwá, me sinto honrada em fazer parte da turma de 2023.

À Capes por me proporcionar bolsa de estudo nestes dois anos para que pudesse realizar esta pesquisa.

À minha querida orientadora, Dra. Rosa Sebastiana Colman, obrigada por acreditar em mim. Sou grata pelas inúmeras contribuições, pelo ensino, parceria, paciência e humildade.

À minha banca examinadora, Professora Dra. Lauriene Seraguza Olegário e Souza e Dra. Cátia Paranhos, muito obrigada pelas contribuições para enriquecer este trabalho.

Ao Professor Dr. Levi Marques Pereira, pelas contribuições na qualificação.

À minha mãe, que sempre foi meu alicerce, que me apoiou nas minhas fraquezas e vitórias, obrigada pelas orações, e por sempre abraçar todos os meus planos e sonhos!! *xe rohaihu xe sy!!!*

Ao meu filho Noah “Tiú”, a minha maior inspiração, tudo que eu faço é por nós dois, que os nossos ancestrais guiem e iluminem sempre os seus caminhos!!

Aos meus irmãos, Rozileia, Roziane, Anderson, Maycon, Josiel e Jean Aléz, pelo apoio e incentivo e por nunca me deixar desistir, vocês me fortaleceram até aqui, sem dúvida família é a base de tudo, eu amo vocês!!!

Aos meus professores e professoras do PPGET-FAIND que ministraram as aulas: Dr. Manoel Caleiro, Dr. Cássio Knapp, Dr. Walter, Dr. Rodrigo Camacho, Dr. Daniel Valério, Dra. Racquel Valério, Dra. Jeanne Brito e Dra. Andreia Sangalli. Gratidão pelo ensino e contribuições ao longo de toda a trajetória acadêmica. E agradeço também às Professoras que o PPGET colocou na minha vida, Dra. Elaine Ladeia e Dra. Regiane Magalhães.

Aos meus colegas e minhas colegas de PPGET, muito obrigada por contribuírem com o meu crescimento acadêmico, foi uma honra ter tido oportunidade de conhecer cada um de vocês, em especial Paula Rodrigues, Altamira Basílio, Diennifer Figueiredo, Tati Sanches, Vanessa Lescano, e Sharin Lobo.

À minha prima, Waneide Garay Duarte, muito obrigada pelas suas valiosas contribuições.

À minha prima Maria Aparecida Romeiro Duarte, uma das melhores Professora em Guarani, obrigada pelas suas contribuições nessa dissertação.

Ao meu tio Dilson Duarte, obrigada pelas suas contribuições e pelo apoio.

À minha tia Diene Duarte Benites, que estava à disposição para me apresentar as plantas medicinais ao redor das nascentes.

À minha amiga e vizinha Daguiane Rodrigues, que cuidou do meu filho em momentos em que eu precisei me ausentar, obrigada por cuidar tão bem do meu filho!!!

Ao meu pai, Ancilo Castelão, por ter cuidado de mim até eu me tornar adulta, que Deus sempre lhe proteja!!!

Aos meus sobrinhos: Melany Victória, Ana Beatriz e Rafferty, obrigada por sempre me alegrarem nos momentos mais difíceis!!!

Às minhas primas Zuleine Garay Duarte e Bethy Gonçalves Castelão, vocês sempre estão comigo para o que der e vier, e é sempre incrível nosso “tereré” depois das minhas crises de ansiedade.

Quero também agradecer à Professora Nyce Carmona, de Amambai; aos meus primos Voninho Benites e Renata Castelão, da Aldeia Te’ýikue, e à Paula Trombini e ao Missionário Gilson Pereira pela parceria em alguns registros de fotografia.

A todas as parteiras que me receberam com todo o amor do mundo nas suas residências.

Aos meus amigos e amigas que sempre torceram por mim, muito obrigada!!

A todas as pessoas que contribuíram diretamente ou indiretamente na construção e finalização desta dissertação!!!

Aos meus ancestrais que me guiam e me protegem. Que a sabedoria e o conhecimento dos mais velhos, *Nhamoin ha Jarí*, e dos mestres tradicionais, *Nhanderu* e *Nhandesy*, continuem sempre sendo a minha principal orientação nesta caminhada, e que possamos demarcar a academia com os saberes e conhecimentos do nosso povo.

Aguyjevete!!! Muito obrigada!!

A mulher indígena é aquela que luta e aconchega, nela se encontra a força igual à da mãe natureza. Viemos do corpo da mulher, ela foi nossa primeira casa, através de seu corpo conhecemos o mundo e as maravilhas que nela existem. Na sociedade indígena, nascer mulher é especial, porque ela irá passar por todo o processo de cuidado. (Pereira, 2020)

RESUMO

Esta dissertação nasceu ainda durante minha graduação na Licenciatura Indígena Teko Arandu, na Faculdade Intercultural Indígena da UFGD. A pesquisa registra alguns saberes, cuidados, rituais e práticas das parteiras kaiowá da reserva de Sassoró (criada em 1928, com 2 mil hectares), no município de Tacuru, Mato Grosso do Sul. Com autoetnografia, a partir da minha própria experiência, a metodologia desta pesquisa é uma mistura de observação participante, conversas com as parteiras e registros em fotografias. Compreendo que as parteiras têm saberes e conhecimentos que passam de geração a geração. Investiguei entre minha parentela os principais saberes e conhecimentos tradicionais das parteiras kaiowá. Os saberes e conhecimentos são milenares, as parteiras mantêm a rotina tradicional kaiowá, e os alimentos são preferencialmente de pesca, roça e caça, o que as mantêm saudáveis. A gestação e o nascimento de uma criança são sempre muito importantes para o povo indígena, pois a criança é a continuação de um povo, da ancestralidade. O parto kaiowá envolve rezas, plantas medicinais, práticas e rituais durante a gestação, parto e pós-parto. Com a chegada da SESAI e a entrada de igrejas, o trabalho das parteiras foi enfraquecendo. Assim, a pesquisa mostrou a importância das parteiras para a valorização e manutenção dos saberes, práticas e rituais no partejar. Antes as parturientes kaiowá seguiam rituais desde o começo da gestação. Entre os saberes e conhecimentos tradicionais das parteiras estão as rezas, crenças, rituais e plantas medicinais; chás, ervas, cascas, raízes e banhas de animais. Os meus interlocutores têm ciência de que esta é uma pesquisa de dissertação, e acham importante contribuir com os seus saberes e conhecimentos simbólicos para a comunidade e as futuras gerações.

Palavras-chave: Parteiras kaiowá. Medicina tradicional. Saberes ancestrais.

NHE'EMBYKymi

Ko tempiapo jehai texaukapy ohenhoivaekue xe anhemmo arandu jave mbo'ehaorusu Teko Arandupe, FAIND UFGD tavaygua aty Dourados/MS pyguapy. ko jeporekapy amboherymoi mba'exapa kunhã Kaiowá oikova Tekohá Sassoropy opytava tavaygua aty Tacuru/MS, ojapo kua'a pe tembiapo inharandu rupive omomemby haguã kunhã hye guasuvapy. Xe ahasama va'ekue rupi rirema ajapo ko jeporeka umi poromemby akue ndive. Ko tembiapo ajapova ha'e nhemongueta rupi, nhemananha ha ã'ygue jepe'a rupi.

aikua'a umi jari oguererekohá pe tembiapo kua'a ha arandu ombohasava umi oivavapy ha ambueve oiko va'erãmy. Ko Tekoha Sassoro ojejapo vaekue áry 1928 py, 2 mokoin su hectare(yvy onhemohenda haguepy). aheka kuri xe roy ygua kuerá ndie pe tembiapo há arandu oikuaáva umi jari ndive, pe arandu yma guare ohasa hasava. umi jari oiko yma guare reko teepy, tembi'u ho'uva ha'e: pirá kutu, kokue ha tymba api.

Avá kuery mbytepy onhemomba'e guasumi kunhã hye guasúva ha mitã'i ohenhõi ramova, avápy mitã ha'e ijoapy apy hekoviare ha hekoviarã.

kunhã Kaiowá hy'e guasúpy, imemby jave ha imemby rire, oikoteve jarire, ha'e kuera heta mbae oikua'a, oikoteve pohã nhanãre ha mbaeixapa ojapo kua'avarehe.

Oguãhe rire SESAI tupao umi jari rembiapo opyta ikanguy.

Upévagui ko jeporeka ohexauka onhemomba'e guasuve haguã jari kuera rembiapo ha arandu. Ko'ã mba'e oguahe e'y mboyve mi jari kuera ojaopama akue ko tembiapo.

Ko xe nhe'e ombohováí va'ekue kuéry, oikuaa hina ko jeporeka jehai jexaukapy onhemomba'e guasu mante arã ha ome'e nhepytyvõ ko xe jeporekapy ahaí mboguapy haguã ko tekohá pyguapy ha umi ambueve ouva'erãmi.

Nhe'e apytere: Arandu Kaiowá mba'e. Nhamõi há. Jari kuéra arandu.

ABSTRACT

This dissertation was born during my undergraduate studies in the Teko Arandu Indigenous Teacher Training Program at the Indigenous Intercultural College of the Grande Dourados Federal University in Brazil. The research documents part of the knowledge, care procedures, rituals, and practices of the Kaiowá midwives in the Sassoró Reservation (created in 1928, with 2,000 hectares), in Tacuru, Mato Grosso do Sul, Brazil. Using autoethnography, based on my own experience, the methodology of this research is a mix of participant observation, conversations with the midwives, and photographic records. Midwives have knowledge and skills that are passed down from generation to generation. I investigated the main traditional knowledge and skills of the Kaiowá midwives among my relatives. Those skills and knowledge are ancient; the midwives maintain the traditional Kaiowá routine, and their food is preferably from fishing, farming, and hunting, which keeps them healthy. Pregnancy and the birth of a child are always very important for the indigenous peoples, as the child is the continuation of its people and its ancestry. Kaiowá childbirth involves prayers, medicinal plants, practices, and rituals, during pregnancy, childbirth and postpartum. With the arrival of government health assistance as well as churches, the work of midwives was weakened. Thus, the research showed the importance of midwives in valuing and maintaining knowledge, practices, and rituals in their craft. Before, the pregnant Kaiowá women followed rituals since the beginning of pregnancy. The traditional knowledge of midwives include prayers, beliefs, rituals, and medicinal plants; teas, herbs, barks, roots and animal fat. My interlocutors are aware that they are participating in a dissertation research, and they believed it to be essential to contribute their information and symbolic knowledge to the community and the future generations.

Keywords: Kaiowá midwives. Traditional medicine. Ancestral knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Professora Ester Valério

Figura 2 – Adelina Castelão Lopes (*in memoriam*)

Figura 3 – Delmira Duarte (*in memoriam*)

Figura 4 – Catulino Gonçalves

Figura 5 – Venância Centurião

Figura 6 – Fabiana Martins

Figura 7 – Jandira Montiel

Figura 8 – Gabriela Pereira dos Santos

Figura 9 – Inocência Souza, 95 anos (*in memoriam*)

Figura 10 – Toribia Flores (*in memoriam*) com a neta, parteira Evania Ortiz

Figura 11 – Florinda Riquelme, 75 anos

Figura 12 – Marcia Lopes, 78 anos

Figura 13 – Marilda Duarte

Figura 14 – Imagem do município de Tacuru (MS)

Figura 15 – Imagem da Reserva Ramada/Sassoró

Figura 16 – Rio Yhovy

Figura 17 – Professora Luzia Montiel

Figura 18 – Elizeu Martins (*in memoriam*)

Figura 19 – Ancilo Castelão

Figura 20 – Professor Paulino Nunes

Figura 21 – EMIUAK, Escola Municipal Indígena Ubaldo Arandu Kue-mi
(Sabedoria de Ubaldo)

Figura 22 – Ubaldo Castelão (*in memoriam*)

Figura 23 – Posto Guilherme Resãin Kue-mi

Figura 24 – Antiga Casa Dia Luzeleide Silveira

Figura 25 – Escola Estadual Jasy Rendy, de ensino médio

Figura 26 – Escola Ramada, extensão EMIUAK

Figura 27 – Roça kaiowá

Figura 28 – Roça de Dila Duarte Castelão

Figura 29 – Dila Duarte Castelão

Figura 30 – Cachoeira do Amor, Aldeia Sassoró

Figura 31 – Nascente

Figura 32 – Parteira Luiza Martins

Figura 33 – Alunos visitando o Projeto *Nhanã Rupi*

Figura 34 – Edilaine Castelão Duarte

Figura 35 – Maria-faceira, *kuarahy mimby*

Figura 36 – *Guyra nhe'én ngatu*, papagaio

Figura 37 – Pilão, *angu'a*

Figura 38 – Pilão horizontal, *angu'a nhenõ*

Figura 39 – Planta *membyja*

Figura 40 – *Jaguaretepokue*

Figura 41 – *Pohã roysã* (língua-de-vaca)

Figura 42 – *Ñemongarai* de Noah Castelão Franco

Figura 43 – Teresa Velário (em memória) atendendo uma criança com *kambyryru jere*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIS – Agente Indígena de Saúde

AISAN – Agente Indígena de Saneamento

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EMIUAK – Escola Municipal Indígena Ubaldo Arandu Kwe-mi

ENREF – Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Gregório Vilhalva,
sala José de Anchieta

FAIND – Faculdade Intercultural Indígena

FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

IPDA – Igreja Pentecostal Deus É Amor

MECA – Missão Evangélica Caiuá

PPP – Projeto Político-Pedagógico

PPGET – Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade

RID – Reserva Indígena de Dourados

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

SESAI – Secretária Especial de Saúde Indígena

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: MINHA HISTÓRIA, MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E A TRAJETÓRIA DA PESQUISA	15
CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	30
1.1 A chegada da missão evangélica Caiuá	36
1.2 A roça kaiowá na reserva Sassoró	46
1.3 Os Kaiowá	49
1.4 Ciência indígena	50
1.5 Projeto Nhanã Rupi (através das plantas)	54
CAPÍTULO II - A GESTAÇÃO KAIOWÁ EM CADA <i>TEKOHÁ</i>	56
2.1 <i>Poasy'a, purusy'a</i> ou <i>pasy'a</i> (maldição ou consequência)	65
CAPÍTULO III - SABERES, CUIDADOS E CONHECIMENTOS QUE SÃO PASSADOS DE GERAÇÃO A GERAÇÃO	69
3.1 Cuidados e saberes que vêm do conhecimento das plantas	69
3.2 Como as parteiras cuidam das crianças	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	80
GLOSSÁRIO	83

INTRODUÇÃO: MINHA HISTÓRIA, MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Sou kaiowá, nasci e cresci na Aldeia Sassoró. Meus pais se chamam Ancilo Castelão e Dila Duarte Castelão; sou mãe de Noah, de quatro anos, e moro com a minha mãe e meus irmãos na microárea Kaiowá perto da Missão Evangélica Caiuá. Os meus avôs paternos se chamam Ubaldo Castelão e Adelina Lopes Castelão, ambos kaiowá. Meu avô Ubaldo contava que eles vieram da aldeia que fica perto do Paraguai, com seus pais, aos 11 anos. Quero destacar que os indígenas viviam em todos os lugares, e, segundo relato do meu avô, morreram muitos indígenas naquela época, que passavam fome. E eles ouviam que na Aldeia Souzakuê os indígenas viviam bem, que tinha muito local para plantar e caçar, e também para se protegerem. Eles então fugiram da região de Paraguai. Meu avô contava que, no caminho, encontraram muitos defuntos de indígenas, cabeça de homens espalhados no chão, que houve muito genocídio na região do Paraguai. Meu avô Ubaldo era casado com a irmã da minha avó, mas, como faleceu a esposa, e os sogros gostavam muito dele, por ser um homem bom e trabalhador, acabou entregando a minha avó Adelina para ser a esposa. Naquela época era comum casamento arranjado. Eles tiveram nove filhos, mas sete morreram de doenças após terem contato com não-indígenas.

Meu avô Ubaldo Castelão foi também capitão na aldeia Sassoró por 40 anos — de acordo com os mais velhos, foi um capitão muito rígido. As opiniões dos *Nhamõin* e das *Jarís* se dividem em relação à liderança do meu avô Ubaldo: para alguns ele foi um bom líder, que conseguiu controlar a bebida e a violência, e que a comunidade vivia em harmonia. Para outros, não, porque, segundo o relato dos mais velhos, ele criou amizade com reverendo e missionários, e com isso acabou mudando de opinião em relação à nossa cultura, às festividades tradicionais e à organização kaiowá. Por exemplo, o batismo de *mitã nhemongaraí* acabou se substituindo para o batismo da Igreja. Meu avô liderou Ramada/Sassoró e Tacuru Tindy; foi um dos capitães que incentivou a comunidade a estudar, e um dos primeiros a ser adeptos do cristianismo. Ele aprendeu a ler e a escrever na missão. Outra das suas habilidades era a matemática, que ele aprendeu na prática, pois a missão ofertava o ensino só até a 4ª série. Meu avô frequentava a missão, mas nunca deixou de lado totalmente o nosso modo de ser kaiowá.

Um acontecimento que me marcou muito foi quando eu fiquei muito doente, aos 4 ou 5 anos. Meus pais foram pescar e trouxeram um peixe muçum e, como eu era curiosa, subi para ver, mas escorreguei e o peixe caiu em cima de mim. Comecei a ter surtos e logo depois comecei a vomitar e ficar com muita febre. Eu fiquei dias assim; minha mãe já estava perdendo as esperanças, porque eu já estava muito debilitada, até que meu avô Ubaldo foi me visitar e já foi dizendo para minha mãe que o espírito de pássaro que tinha no meu corpo tinha saído *guyrajei*. Meu avô fez *nhembo'e*, fez chá de plantas para mim, benzeu, e assim o vômito e a febre passou. Os conhecimentos, as rezas, os cantos e os saberes ancestrais são muito importantes para nós, Kaiowá. Meu avô faleceu no dia 24 de Julho de 1999, durante três dias teve alucinações, até a morte.

Meu avô tinha muitos documentos importantes, mas a minha avó não sabia da importância desses documentos: após a morte dele, juntou tudo e queimou, pois na cultura kaiowá não se pode guardar nada de falecidos. A minha avó Adelina Lopes Castelão nasceu na Aldeia Ysaukuê, que atualmente é a fazenda Vera Cruz, no município de Iguatemi.

O meu avô Alcides veio da Reserva Indígena de Dourados (RID) e, de acordo com seu relato, nessa Reserva eles sofriam muito, pois nessa época os militares lideravam. Ele contou que os militares eram muito violentos e abusivos com os indígenas, que as mulheres eram estupradas coletivamente pelos militares, e que eles não sabiam para quem iam pedir socorro. Um acontecimento que marcou muito o meu avô foi o estupro de uma prima: os militares estupraram e jogaram em um poço. Segundo o relato do meu avô, todos pensavam que a prima tinha morrido, mas ela sobreviveu três dias dentro do poço após o estupro coletivo dos militares. Após esse acontecimento, eles se mudaram para Ramada/Sassoró.

Pelo relato do meu avô paterno e materno, os militares causavam muito medo na época que eles passavam dentro dos *tekohás*, pois eram muito cruéis e violentos. Não respeitavam o território indígena, estupravam as mulheres e, com o contato dos militares com os indígenas, a comunidade passou a pegar doenças, e morreram muitas crianças e mulheres. Assim, quando a comunidade sabia que eles iam se acampar dentro dos *tekohás*, a comunidade já fugia para a mata se refugiar.

Iniciei a minha vida escolar com a professora Linda Morales, no pré, na Missão Evangélica Caiuá de Sassoró. A professora Linda reside atualmente na Reserva Indígena de Dourados. No primeiro ano estudei com a missionária Ester Valério, e logo fui alfabetizada na

minha língua materna, através do livro que foi fornecido pela Missão, o livro *Te'yi nhe'ẽ*. Depois, fui alfabetizada em língua portuguesa. A Ester era uma excelente professora kaiowá — lembrando que antigamente os professores indígenas sempre começaram a atuar na sala de aula sem formação acadêmica, mas vão em busca de formação acadêmica para aprimorar os seus conhecimentos para oferecer uma educação de qualidade para os alunos. Ester se formou em Pedagogia, juntamente com os primeiros professores de Sassóro que se formaram na Faculdade Integradas de Naviraí, FINAV – Naviraí. Atualmente ela mora na Missão Evangélica Caiuá da Reserva Indígena de Amambai. É uma professora que marcou muito a nossa vida na aldeia Sassoró.

Do 2º ao 5º ano, estudei numa turma multisseriada na extensão da Escola Gregório Vilhalva. A minha educação escolar sempre foi em conjunto com a evangelização, por estudar na Missão Evangélica Caiuá. Uma vez por semana íamos na igreja participar do culto com a professora. Na igreja ouvíamos histórias bíblicas, cantávamos músicas evangélicas e também no hinário *Japarahéi joa*.

Figura 1 – Professora Ester Valério



Fonte: Arquivo de Nyce Carmona, 2024.

Tive pouco contato com mestres e mestras tradicionais na minha infância, por crescer na Missão Evangélica Caiuá. Meu avô Ubaldo e meu pai eram membros da missão; meu primeiro contato com um mestre tradicional foi aos 16 anos: estava passando por um momento difícil, e meus pais trouxeram o rezador Luiz Borvão (*in memoriam*) da aldeia Jaguapiré para me benzer. Do 6º ao 9º ano também estudei na extensão da Escola Gregório Vilhalva, com professores indígenas: Luzia Montiel, Elizeu Martins e Denise Lopes.

O Ensino Médio fiz em Tacuru, Mato Grosso do Sul, no período noturno, na Escola Estadual Cleto de Moraes Costa. A minha experiência nessa escola foi mais desafiadora. Chegávamos quase meia-noite à aldeia. Eu tinha dificuldade na minha segunda língua, e sofri racismo e discriminação pelos meus colegas de sala. Nas divisões de trabalhos eu tinha que fazer sozinha, pois ninguém queria fazer comigo. Mas eu queria ter graduação, e isso me motivou a terminar o ensino médio. Em 2014 optei por fazer o curso de Pedagogia na UNIESP (União das instituições Educacionais do Estado de São Paulo) em Amambai (MS), mas não consegui concluir. Tive também a oportunidade de trabalhar como alfabetizadora na Escola Municipal Indígena Ubaldo Arandu Kwêmi - EMIUAK, nessa época o Elizeu Martins era diretor da escola.

O Elizeu Martins (*in memoriam*) foi um diretor que se preocupava muito com a formação de jovens, e incentivava os acadêmicos indígenas a estudarem — naquela época havia poucos professores com formação acadêmica. E a maioria dos professores da EMIUAK terminaram a faculdade porque tiveram oportunidade de trabalhar estando em formação acadêmica, já que a maioria não tinha bolsa de estudo como suporte financeiro. Isso levou o Diretor Elizeu a dar a oportunidade para graduandos, mas fazia um acordo de que o professor ou professora terminasse a graduação. A maioria dos pedagogos e pedagogas que tem hoje na EMIUAK se formaram na gestão escolar do Elizeu Martins. Hoje não é possível mais contratar acadêmicos em formação, porque já tem muitos professores formados em diversas áreas; e hoje os acadêmicos têm a bolsa de estudo, que é de extrema importância para a formação acadêmica.

Em 2017 entrei na Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, e desde o começo me identifiquei com a área de Ciências Humanas. Foram muito significativas e marcantes as visitas às retomadas, e as aulas de campo com mestres e mestras tradicionais.

Em 2019 eu perdi a minha avó paterna Adelina Lopes Castelão, e foi muito difícil lidar com a ausência dela, porque ela morava ao lado da nossa casa. Eu acordava e olhava para a casa dela... Foi muito difícil entender e aceitar a partida dela para o mundo espiritual. E, logo depois da morte da minha avó, meus pais se separaram, meu pai casou de novo, e teve mais dois filhos.

Em 2020 engravidei do meu filho Noah, e a depressão e ansiedade começaram a andar de mãos dadas comigo: não conseguia me alimentar, tinha insônia, o máximo que eu conseguia dormir eram duas horas. Meus amigos e amigas se afastaram. Eu estava com a autoestima muito baixa e odiava sair de casa, porque sempre apareciam curiosos para perguntar da minha vida pessoal, da minha gestação... tudo isso afetava minha saúde física e psicológica; as pessoas não tinham noção do quanto algumas perguntas eram desconfortáveis na gestação, e o quanto me deixavam mal por dias, meses. E a doença psicológica acabou afetando a minha saúde física. Eu ficava mais no hospital do que na minha própria casa.

Me lembro que comecei a ignorar os curiosos depois que o meu amigo Ismael Morel, de Amambai, me presenteou com uma sessão de fotos para registrar a minha gestação. Eu fiquei encantada com as fotos, e comecei a curtir cada momento da minha gestação, esperando ansiosamente a chegada de Noah; comecei a ver o mundo com outros olhos. A presença e o apoio da minha família *xe rogaygua* foi essencial: a minha família demonstrava que não tinha nada de errado comigo. Meu irmão Anderson me levava e me buscava do hospital, não perdeu nenhum pré-natal que eu fazia, me acompanhou no ultrassom, vibrou emocionado quando soube que seria um menino, e já foi me dizendo que iria montar um time de futebol. O apoio da minha família foi muito importante. Eles estiveram comigo, me apoiaram e seguraram as minhas mãos no momento em que mais precisei.

Demoramos mais tempo para concluir a graduação por conta da covid-19, e nesse mesmo ano a minha avó Delmira Gonçalves pegou covid. Ela ficou seis dias muito doente, e antes de ela ir para o hospital, mesmo sendo proibidas de visitar pela equipe da SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena), eu e minha irmã Rozileia fomos visitá-la. Ela já estava muito doente. Nesse mesmo dia ela foi levada ao Hospital São Sebastião em Tacuru e foi encaminhada para Ponta Porã (MS). Ela faleceu três dias depois. Foi muito difícil porque nem podíamos fazer um velório, dar um último adeus. Lidar com a ausência dela foi devastador, pois ela era nosso alicerce, *ore jekoha* na família, e jamais imaginei que a perderia para a covid-19, porque ela estava se cuidando. Ela estava ansiosa para conhecer os nossos bebês, pois a minha irmã Rozileia estava gestante também: ela vibrou quando soube que

seriam dois meninos, e nos orientava para cuidarmos da nossa alimentação, e já fazia planos para cuidar de nós no período do puerpério. Falava que iria procurar e fazer remédios tradicionais para tomarmos banho dessas plantas e para tomarmos no chimarrão. Ela partiu quando eu estava no sexto mês da gestação. Foi muito difícil aceitar a partida da minha avó.

Na minha experiência de gestação, tive oportunidade de conviver de perto com a Venância Centurião. Com as idas e vindas do hospital, minha família achou importante uma parteira acompanhar a minha gestação, e ela passou a me visitar a cada dois dias. Acompanhou a minha gravidez do quarto mês até a reta final, e desde a primeira visita — que chamo de pré-natal tradicional — ela já me falou que eu seria mãe de um menino, mesmo eu já tendo comprado roupa de menina. Ou seja, antes mesmo de fazer ultrassom eu já sabia que seria mãe de menino.

Com os cuidados dela, percebi o quanto a ciência indígena, os conhecimentos e saberes ancestrais são importantes. Ela fazia remédios tradicionais para eu tomar, e massagens com ervas ou banha de animais quando meu bebê estava atravessado, porque toda vez que meu bebê estava atravessado era uma dor insuportável. Segundo ela, isso era *poasy'a*. Uma palavra que se aproxima de *poasy'a* em português é “maldição”, ou “consequência”; no meu caso era *poasy'a* de peixe bagre, *nhundia*, que era meu prato favorito na gestação, e mesmo ela me orientando para não comer, não consegui resistir. Esse peixe é muito comum no rio Yhovy, que fica próximo à minha casa. As massagens e rezas amenizavam a dor e eu conseguia dormir bem.

Nas minhas crises de ansiedades e depressão, ela trazia plantas com cheiro forte para eu tomar banho, como arnica-do-mato (*yryvu ka'a*), *ysau ka'a* e *amba'y rogue* (folha de umbaúba). Ela falava que essas plantas eram para afastar os maus espíritos, e realmente essas plantas faziam efeito, eram plantas que davam muito sono e tinham efeito calmante. Quando eu tinha cólicas muito fortes na barriga, ela fazia compressa na barriga com cinzas de fogo enrolada em um pano, e eu conseguia dormir bem. E a cada visita eu fui conhecendo os remédios tradicionais, e as banhas de animais, que eram utilizados pelas parteiras. A Venância foi muito importante na minha gestação: o cuidado dela foi como se fosse de mãe com filha. Só não tive oportunidade de ter o meu parto com ela por minha gestação ser de risco, então eu tive que passar por cesárea. Mas, desde que a dona Venância passou a cuidar de mim em 2020, comecei a me interessar pelo universo das parteiras e dos seus saberes e conhecimentos

que passam de geração a geração. Os cuidados das parteiras são relacionados com espiritualidade e medicina indígena, e elas acreditam que já vêm com essa missão ao mundo.

Meu filho nasceu por cesárea no dia 30 de janeiro de 2021, no Hospital São Sebastião, às 9:20, em Tacuru (MS). Foi o momento mais emocionante da minha vida, e desde que ele nasceu a minha vida mudou e tudo faz mais sentido. Não consigo imaginar a minha vida sem ele: ele trouxe significado à minha vida. Quando meu filho completou 1 ano, retornei nas etapas da faculdade, e já foi mais difícil, porque era com meu filho e a babá junto, e as despesas financeiras eram em dobro: eu alugava a casa, pagava a babá e as nossas alimentações, e algumas vezes meu filho ficou doente. Na graduação, diversas vezes pensei em desistir, principalmente no último ano, no dia 5 de março de 2022, quando perdi a minha sobrinha Ana Júlia “Pyý”, de 4 anos, vítima de afogamento no rio Yhovy. Aceitar a morte tão precoce dela foi muito mais difícil, a saudade que ela deixou, o vazio é enorme. Mas toda vez que eu olhava para o meu filho me dava forças para continuar, e mesmo com inúmeras dificuldades concluí a minha graduação em 2022.

O meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi sobre parteiras kaiowá da Reserva de Sassoró (E. Duarte, 2022), pela Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND), na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Quando volto o meu olhar para como cheguei até o mestrado, me lembro de nossas conversas durante as pesquisas sobre o TCC. Em uma das orientações, a minha orientadora Laura Jane Gislotti perguntou se eu não tinha interesse no PPGET (Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade) para aprofundar a minha pesquisa no mestrado. Fui amadurecendo a ideia e escrevi meu pré-projeto; me inscrevi e fui aprovada, e acredito que com as minhas pesquisas vou poder contribuir com a minha comunidade e futuras gerações. Quero destacar que as primeiras pessoas na minha família que me apresentaram as plantas medicinais na minha família foram as minhas duas avós, Adelina Lopes Castelhão e Delmira Gonçalves (*in memoriam*), que cuidaram de mim desde a minha infância utilizando ervas e chás para dores de cabeça, diarreia, febre, dor de dente entre outros.

Figura 2 – Adelina Castelão Lopes (*in memoriam*)



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Figura 3 – Delmira Duarte (*in memoriam*)



Fonte: Arquivo da autora, 2016.

O objetivo desta pesquisa é registrar os conhecimentos das parteiras tradicionais da Reserva de Sassoró, e de alguns anciões da reserva. Nós sempre recorremos aos mestres e mestras tradicionais e aos anciãos e anciãs da aldeia para sabermos sobre os nossos ancestrais. Nesta pesquisa as parteiras relatam todo o processo do parto, e o cuidado com o corpo e o espírito, pois uma boa gestação precisa de todos os cuidados.

A parteira tem um papel fundamental na vida das parturientes e crianças. Ouvimos muito falar de parto humanizado, mas essa prática é milenar no parto feito pelas parteiras indígenas: todas as parturientes esperam que na gestação haja cuidado físico, espiritual e mental. Com esse intuito, busco valorizar saberes e conhecimentos das parteiras tradicionais, reconhecer a importância das parteiras na Aldeia Sassoró, e valorizar os trabalhos que elas realizam. Os Objetivos Específicos são: Reconhecer a importância das parteiras no cuidado da parturiente e do bebê. Contribuir para que os conhecimentos das parteiras cheguem aos jovens e pais de primeira viagem. Registrar os conhecimentos das parteiras.

A metodologia de pesquisa é autoetnográfica e de abordagem qualitativa. Os dados foram construídos a partir de fontes orais, conversas nos horários de chimarrão e acompanhamento de atividades na pesquisa de campo. A maioria dos meus interlocutores, conheço desde a minha infância. Apresento esses interlocutores:



Na Figura 4, temos a imagem do senhor Catulino Gonçalves Kaiowá, de 81 anos, aposentado e agricultor. O Catulino foi casado com minha tia Andila Castelhão, mas em 2023 acabou se separando. Catulino faz remédios tradicionais para dores no corpo, dores de barriga, diarreia, vômito, e produz também *kaxumbita* (amuleto) para crianças e para quem joga bola: esse amuleto dá sorte e oferece proteção.

Figura 4 – Catulino Gonçalves



Na Figura 5, a imagem retrata a Venância Centurião, de 84 anos, madrinha do meu filho. Ela é filha do primeiro cacique da Reserva de Sassoró, Guilherme Centurião: ela nasceu na aldeia Mboiveve. Já fez mais de 50 partos, e cuida das crianças enfermas até os dias atuais.

Figura 5 – Venância Centurião



Na Figura 6, Fabiana Martins, 75 anos, é avó da minha ex-cunhada, que foi casada com meu irmão. A Fabiana é viúva, agricultora, e é parteira. Atualmente mora perto dos filhos, e atende principalmente as crianças com *kambyryru jere*.

Figura 6 – Fabiana Martins



Na Figura 7, Jandira Montiel, filha adotiva de Toríbia Flores. Toríbia Flores era parteira, e também foi minha vizinha. A Jandira não escolheu o mundo de partejar: segundo ela, não tem vocação para seguir o trabalho da mãe; mas a filha da Jandira, Evania Ortiz, é parteira.

Figura 7 – Jandira Montiel



Na Figura 8, Gabriela Pereira dos Santos, 22 anos, dona de casa, filha de Jandira Montiel, do seu segundo casamento. Ela optou por ter parto com as parteiras.

Figura 8 – Gabriela Pereira dos Santos



Na Figura 9, Inocência Souza, 95 anos (*in memoriam*), bisavó paterna do meu filho Noah. Contribuiu com a minha pesquisa no horário de chimarrão e nos horários de tereré, das vezes em que levei meu filho para visitá-la na aldeia Guapo'y, em Amambai. Ela faleceu recentemente.

Figura 9 – Inocência Souza, 95 anos (*in memoriam*)



Na Figura 10, Evania Ortiz, 36 anos, parteira, neta de Toríbia Flores (*in memoriam*), adquiriu os conhecimentos tradicionais sobre partejar quando morava com a sua avó Toríbia Flores.

Figura 10 – Toríbia Flores (*in memoriam*) com a neta, parteira Evania Ortiz



Na Figura 11, Florinda Riquelme, 75 Anos, *Nhandesy kaiowá*, presenciou muitos partos com sua mãe e avó.

Figura 11 – Florinda Riquelme, 75 anos



Na Figura 12, Marcia Lopes, parteira kaiowá, se mudou para o acampamento Pyelito com filhos e netos. A Marcia era também bisavó da minha sobrinha Ana Júlia (em memória).

Figura 12 – Marcia Lopes, 78 anos

Figura 13 – Marilda Duarte



Na Figura 13, a *Nhandesy* Marilda Duarte, da Aldeia Indígena Jaguapiru. A *Nhandesy* Marilda Duarte sempre acompanha os acadêmicos da FAIND - UFGD no *jehovasa*: ela ressalta a importância de *purahéi* (canto kaiowá) no nosso dia a dia, pois a nossa alma, nosso corpo, nosso território precisa de proteção. Ela também tem um

canteiro onde cultiva as plantas medicinais, que ela traz de outros *tekohás* para plantar, já que esses remédios não se encontram mais na Reserva Indígena de Dourados.

Como referências teóricas relacionadas com a cultura guarani kaiowá, utilizei autores indígenas guarani ñandeva e guarani kaiowá: as obras *Espaço, árvores e plantas na reserva indígena Pirajuí*, de Beatriz Vera, 2020; *Kaiowá rembiu ypy: alimentação tradicional como estratégia de etnoconservação da diversidade biocultural no tekoha Pirakua*, de Inair Gomes Lopes, 2022; *Ore Rekohaty (espaço de pertencimento, lugar que não se perde): do esbulho das terras à resistência do modo de ser dos Kaiowá da terra indígena Panambi, Lagoa Rica em Douradina, MS*, de Gileandro Barbosa Pedro, 2020; *Transformações nos papéis desempenhados pelas lideranças tradicionais na Reserva Indígena de Caarapó, a partir da entrada de líderes evangélicos (1980 – 2017)*, de Elemir Soare Martins, 2020; *Modos de produção de coletivos Kaiowá na situação atual da reserva de Amambai, MS*, de Celuniel Aquino Valiente, 2019; *Categorias Kaiowá de construção e desconstrução da parentela – Te'yi – na reserva de Amambai – MS*, de Makiel Aquino Valiente, 2023; *Tecnologias Espirituais: reza, roça e sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani*, de Anastácio Peralta, 2022; *A importância dos cuidados na gravidez, parto e pós-parto das mulheres guarani Kaiowá da terra indígena Pirakuá, Mato Grosso do Sul*, de Irene Reginaldo Gomes, 2023;

Currículo de língua materna na escola indígena da reserva de Sassoró, de Waneide Garay Duarte, 2022; *Avareko há karai reko: o modo de ser Guarani e Kaiowá na perspectiva dos mais velhos*, de Robson Lopes Romero, 2023; *A escola na ótica dos ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas*, de Tonico Benites, 2009; *Tavyterã Roky Rokyta: Os pilares da Educação Guarani Kaiowá nos processos próprios de ensino e aprendizagem*, de Claudemiro Pereira Lescano, 2016; e *Roças Kaiowá: cuidados práticos, rituais e técnicas de cultivo na reserva de Taquaperi*, de Marcilene Lescano Martins, 2021.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada com as parteiras kaiowá na Reserva Sassoró. A Reserva Sassoró fica à margem direita de rio Yhovy, localizada no município de Tacuru, Mato Grosso do Sul. É uma reserva indígena Guarani Kaiowá, que conta com estas microáreas: Kaiowá, Posto Kuê, Galino Kuê (local onde morava o rezador Galeano, mais conhecido como *nhanderu* Galino), e a microárea Ramada, que já é próxima da microárea *Itasyryry* (local onde tem muitas pedras e cachoeiras). *Itasyryry* é ao lado do acampamento Pyelito Kuê, sendo dividida deste apenas pelo rio Yhovy. Esta reserva está localizada a 30 km da sede urbana de Tacuru, na Rodovia Guaíra Porã (MS-295), que liga Tacuru e Iguatemi, a 5 km dessa estrada, com a presença predominante de indígenas da etnia kaiowá; e em número menor também têm indígenas da etnia guarani. Conforme o IBGE, em 2022 eram 2.255 pessoas indígenas, mas antes, em 2010, totalizavam 2.763. Essa diferença se dá pois, em 2014, muitas pessoas se mudaram para a retomada de Pyelito. Romero (2024) registrou no seu Trabalho de Conclusão de Curso que, atualmente, moram na Pyelito 56 famílias, com 178 pessoas kaiowá.

Pelo histórico de Sassoró, ela foi primeiro reservada em 14 de novembro de 1928, com o título datado do dia 28 de março de 1940, e foi definitivamente demarcada em 22 de setembro de 1971, sendo depois homologada em 22 de setembro de 1976, e atualmente conta com 1.923 hectares. Os primeiros moradores da reserva vieram das Aldeias Souzakuê, Mbarakay, Ysaukuê e Pyelito. Essas aldeias se tornaram fazendas. (Nesse contexto, destaco que o Acampamento Pyelito atual, que fica próximo a Sassoró, não é a Aldeia Pyelito.) Nas imagens a seguir, trago, na primeira, o município de Tacuru, com a Terra Indígena Jaguapiré e a Reserva de Sassoró (Figura 14). Elaborei essa ilustração numa oficina de geoprocessamento que realizamos na FAIND com o professor Fernando Damasco, do IBGE, e sua equipe. Nessa imagem aparece também o acampamento Pyelito e a Terra Indígena Mbarakay, que já foi identificada, mas não foi totalmente ocupada pelos parentes indígenas, pois o processo fundiário ainda não foi finalizado. Na segunda imagem (Figura 15), reproduzida a partir da versão online do Mapa Guarani Digital (<https://guarani.map.as>), aparece o nome Ramada, como é conhecida também a área de Sassoró.

A Reserva de Sassoró é uma das oito reservas demarcadas pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) com 2 mil hectares, em 1928.

A Sassoró faz limite ao norte com o rio Yhovy, a leste com a Fazenda Progresso, ao oeste com a Fazenda Esperança, e ao sul com a Fazenda Agro100 (Toaldo; Lima; Martins, 2018).

Os primeiros moradores da reserva foram o Guilherme Centurião e sua esposa Clemencia Vilharva e sua família. O Guilherme e a sua esposa vieram de uma aldeia perto da região do Paraguai, Zona Pariri. Eles foram morar na aldeia Souzakuê no município de Iguatemi; atualmente essa aldeia já não existe mais. De Souzakuê eles se mudaram para Mbarakay, e de lá se mudaram para Sassoró, que inicialmente se chamava Ramada. O Guilherme foi também o primeiro cacique da reserva; e, de acordo com o relato da sua filha Venancia, tanto da Aldeia Souzakuê quanto da Aldeia Mbarakay eles foram ameaçados e expulsos pelos capangas das fazendas.

Segundo os pesquisadores Valiente e Palma (2019, p. 129-130), em relação ao “capitão” nas aldeias:

O termo capitão refere-se ao comandante de um grupo de exército, chefe de uma tropa. Como foi possível que um conceito de Capitão fosse aceito pelos Kaiowá e Guarani, principalmente pela força política, ditando regras, organizando as decisões, a composição dos grupos, quem pode residir, quem manda e quem obedece, a formação do grupo privilegiado e desprivilegiado, etc.

De acordo com Brand (2001, p. 76), “Ubaldo Castelan, que foi capitão da Reserva de Ramada durante mais de 40 anos, também destaca a entrada em cena da figura dos capitães, a partir de 1924, como indicativo da entrada do modo-de-ser não-indígena”.

A Reserva Indígena de Sassoró é portanto uma das reservas delimitadas pelo estado através do SPI. No início, viviam ali praticamente duas grandes famílias extensas (Benites, 2009, p. 33).

Essas famílias extensas eram lideradas por Guilherme Centurião. O Guilherme foi a primeira liderança que liderou a Aldeia Ramada/Sassoró e Tacuru Tindy. Ele veio de uma aldeia que fica no Paraguai. De acordo com meus interlocutores, Tacuru Tindy era um território indígena guarani kaiowá entre o Tekohá Sassoró e uma área que atualmente é parte da Fazenda Casa Grande.

Tacuru Tindy era o local onde tinha muita erva-mate, o que levou os proprietários das fazendas a se interessarem. Com a chegada dos primeiros proprietários das fazendas ao redor, estes ofereciam empregos aos indígenas kaiowá e levavam esses funcionários a lugares distantes para trabalharem juntamente com suas famílias, o que levou ao acontecimento do *sarambi* (“esparramo”), um movimento migratório na comunidade. Assim, as famílias kaiowá em Tacuru Tindy foi diminuindo. E as poucas famílias que sobraram em Tacuru Tindy retornaram ao Tekohá Sassoró. Tacuru Tindy ficava perto do córrego Kaiowá, e atualmente pertence às fazendas vizinhas que fazem divisa com esse córrego. As famílias lideradas por Centurião eram distribuídas por aproximadamente 15 casas, correspondendo a cerca de 50 pessoas (W. Duarte, 2022, p. 26).

No mandato de Guilherme, um segurança indígena que trabalhava com ele cometeu um crime contra um rapaz, torturou e arrancou partes das orelhas; e por esse motivo esse segurança, juntamente com o Capitão, foi levado para a delegacia de Amambai, onde permaneceu preso durante 6 meses. A comunidade sentindo falta de um líder, colocaram um capitão provisório, que foi o João da Silva. Esperaram por muito tempo o retorno de Guilherme Centurião, mas ele não voltou, e com o passar dos anos o capitão João da Silva acabou não agradando à comunidade, e esta se revoltou contra o mandato dele. Assim a aldeia foi dividida entre Sassoró e Tacuru Tindy: foi realizada a eleição e o eleito tinha que tomar conta dessas duas aldeias, passando uma semana em cada aldeia. Mas, atualmente, Tacuru Tindy não existe mais.

A aldeia ou Reserva de Sassoró encontra-se no interior de um amplo território (*Tekoha guasu*). Na década de 1970, cada família extensa que foi expulsa e obrigada a deixar sua aldeia tradicional foi assentar-se nessa reserva, tendo seu lugar de origem específico (*Tekohá*) na margem dos rios Mbarakay, Yhovv, Ypytã e Iguatemi (rio este coletor desta bacia hidrográfica), englobando os espaços conhecidos como os Tekoha Pyelito Kue, Mbarakay, Mboiveve, Jaguapiré, Karaguatay, entre outros (Benites, 2009, p. 29). De acordo com o PPP (Escola..., 2015):

O nome Sassoró foi dado pelos brancos, antes a aldeia se chamava Ramada. Na época o rio *yhovv* era porto, por onde vinham canoas, lancha, barcos, jangadas e botes, para levarem erva-mate para Iguatemi e Guairá. Um dia, os homens indígenas que trabalhavam e comercializavam seus produtos no local visualizaram que o pátio do porto estava desmoronando. Então os indígenas falaram ossoró (assoreamento). Todos os dias falavam a mesma coisa. Os não – Indígenas começaram a imitá-los, mas falavam errado. Diziam Sansoró, os

indígenas os corrigiam, mas continuavam cometendo o mesmo erro. Depois até os indígenas que estavam junto falavam Sassoró, não Sanssoró.

O porto Sassoró era o local também onde os indígenas vendiam ou trocavam mandioca, batata-doce, cana-de-açúcar, abóbora, cará, banana e melancia.

De acordo com o antropólogo Romero (2023, p. 31),

Atualmente a reserva Sassoró é bem diferente de como era na época em que foi reservada, pois hoje em dia há apenas fragmento de florestas, o que podemos ver são apenas alguns bosques que ainda sofrem queimadas todos os anos. Nas fronteiras que marcam reservas e as fazendas ao redor, existem pequenos rios e rio maior, que é o Y hovy, que já foi um trajeto importante no transporte de erva mate, na época de sua exploração.

Figura 16 – Rio Yhovy



Fonte: Arquivo da autora, 2022.

O Rio Yhovy divide a reserva Sassoró do acampamento Pyelito. Para se deslocar de forma mais rápida de Sassoró para o acampamento Pyelito precisa-se passar o rio Yhovy com o auxílio de um arame liso que chamamos de maroma. Outra forma de se deslocar ao Pyelito é pela entrada da empresa Lar (Iguatemi): indo de carro são 70 km. Depois que eu perdi minha sobrinha nesse mesmo rio e nesse mesmo local, eu preferi não utilizar mais a maroma, pois era muito doloroso reviver tudo outra vez passando pelo mesmo local. Mas os

moradores tanto de Sassoró quanto de Pyelito utilizam muito o bote de madeira e a maroma para se deslocar entre ambas as aldeias, principalmente os atletas quando vão jogar bola. O ideal seria haver uma ponte para as pessoas se deslocarem em segurança, porque as crianças e os idosos arriscam as suas próprias vidas para visitar a parentela.

Em suma, a aldeia Ramada passou a ser chamada Aldeia Sassoró: assim surgiu o nome Sassoró, e atualmente uma microárea da reserva se chama ainda Ramada, onde se localiza a Escola Ramada.

De acordo com Waneide Duarte (2022, p. 21), antes da colonização, as pessoas moravam em uma casa grande (*Oga pysy*), coletivamente, compartilhando seus alimentos, seus hábitos e suas crenças. O *Teko Porã*, o jeito bom de viver, era vivido nesse contexto. A roça tradicional ficava a 1 ou 2 quilômetros das casas e, assim, os animais da caça não eram espantados pelas pessoas.

Segundo o ancião kaiowá Catulino Gonçalves, a maioria dos primeiros moradores vieram forçosamente de seus territórios tradicionais, que são os *tekohá* Souzakuê, Mboiveve e Ysaukue. Naquela época tinha muitos rezadores, parteiras, e o solo era fértil: a roça era roça de toco, roça que fica no meio do mato, e tinha muitos animais e peixes. Os moradores tinham fartura e viviam felizes. E nessa época tinha mais coletividade entre os Kaiowá. Na reserva Sassoró tem mais indígenas kaiowá.

Atualmente a comunidade kaiowá de Sassoró cultiva roça misturada e diversificada em pequena escala, conhecida em kaiowá como *kokue jopara*, pois, como é uma reserva, quase já não tem mais muito espaço para roça, principalmente nas microáreas Posto Kuê, Kaiowá e Galino Kuê. É mais comum ver roças nas duas microáreas de Ramada e Itasyryry, que chamamos de “fundo da aldeia”: nesses locais ainda tem mais espaço para plantar. Mas, se cada família de Sassoró for plantar, não terá mais espaço para fazer novas casas futuramente.

O que não pode faltar na roça kaiowá é a mandioca. Da mandioca também é feita a bebida tradicional *xixa*.

A grande maioria dos moradores de Sassoró são funcionários da empresa Bello Alimentos. Os do período diurno saem às 2 horas da manhã, e os do período noturno saem às 13:00, da Aldeia Sassoró até Itaquiraí (MS). Quando o casal trabalha na empresa, os filhos maiores se responsabilizam pelos menores, e grande parte da comunidade acabou se mudando para cidades como Iguatemi, Eldorado, Itaquiraí e Naviraí para ficar perto do local de trabalho, pois para quem trabalha no período noturno é mais cansativo.

Na reserva de Sassoró, o mais difícil é achar o local para trabalhar em funções assalariadas, porque só tem as duas escolas e um posto de saúde. Para quem tem formação acadêmica já é difícil, e para quem não tem é ainda mais difícil. Na área de Educação, tanto na Escola Municipal Ubaldo Arandu Kuê-mi quanto na Escola Estadual Jasy Rendy, os professores já estão superlotados. Futuramente não haverá mais espaço para todos os professores trabalharem, pois tem muitos acadêmicos em formação para a área de educação, tanto na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) nos *campi* de Naviraí e de Amambai, quanto na Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu e na Licenciatura em Educação do Campo, ambas da FAIND - UFGD. Já na saúde, temos apenas um enfermeiro e duas técnicas de enfermagem indígenas, e não há acadêmicos em formação nessa área, porque os cursos de medicina, enfermagem, nutrição, odontologia, psicologia e fisioterapia, entre outros, o mais perto que são ofertados é só em Dourados.

1.1 A chegada da missão evangélica Caiuá

A missão chegou na Aldeia Sassoró em 1970 com o reverendo Benedito Troquez e sua equipe. De acordo com o relato do meu pai, o meu avô Ubaldo Castelão foi, juntamente com o reverendo, pedir um espaço para construir a Missão Evangélica de Sassoró ao Sr. Idomeno de Moraes, dono da Fazenda Esperança. Pretendiam construir a Missão Evangélica Caiuá, explicando que o espaço seria para evangelizar, criar uma escola e construir um posto de saúde para atender a comunidade de Sassoró. Assim que o espaço foi doado pelo fazendeiro Idomeno, os próprios moradores ajudaram a construir as casas de madeira, e construíram uma casa de sapé para funcionar como escola, ofertando aulas do pré-escolar ao 4º ano. Segundo Troquez (2006),

foi criado a MECA que iniciou suas atividades junto aos indígenas em Dourados em 1929. Os trabalhos missionários visavam, principalmente, prestar assistência aos indígenas nas seguintes áreas: evangelização, saúde e educação. O trabalho que se iniciou na reserva de Dourados foi estendido, posteriormente, às outras reservas indígenas do estado de MS. (Troquez, 2006, p. 64)

O local da Missão Evangélica Caiuá (MECA) na Reserva Sassoró foi então doado pelo proprietário da Fazenda Nova Esperança, Idomeno Moraes de Souza, com área de 10 alqueires, e começaram a construir escola, farmácia e igreja, para atender à alfabetização de

crianças e adultos, para atender às pessoas enfermas e, também, para realizar um trabalho espiritual na evangelização da comunidade indígena e das vizinhanças ao redor, como as fazendas e colônias Botelhai e Botelha Guasu.

Antes da chegada da Missão, as pessoas que ficavam doentes, ou quando eram mordidas por cobra, procuravam somente os mestres tradicionais. Era no benzimento que os moradores descobriam qual remédio seria o ideal para a doença; e, se fosse mordida de cobra, qual remédio iriam passar no local, pois, de acordo com os mais velhos, cada animal tem seu *jará* ou “dono”.

De acordo com o relato do meu pai, Ancilo Castelão, em 2024,

A missão chegou quando eu tinha uns 5 ou 6 anos, e a primeira coisa que o reverendo quis que nós crianças deixássemos de usar era nossa *kaxumbita*, nosso “amuleto protetor kaiowá” em forma de colar. O reverendo tinha uma opinião diferente das nossas crenças, sempre nos falando que existe um só Deus, que as pessoas quando morrem só têm dois caminhos. Já a nossa visão em relação a mortes sempre foi diferente: para nós nunca existiu o céu e o inferno, pelo menos era isso que os mais velhos nos ensinavam. A *kaxumbita* eu ganhei no batismo *mitã nhemongaraí*, ainda quando era um bebê, e eu era muito apegado a esse amuleto, porque sempre me sentia protegido usando *kaxumbita*; e como o reverendo não nos convenceu de jeito nenhum, ele viajou e já voltou com muitos brinquedos, e nós nunca tínhamos visto brinquedos na vida. Assim que bati os olhos em um carrinho eu fiquei encantado, e o reverendo me falou: Vamos trocar? Se você me der a *kaxumbita* pode ter o brinquedo que você quiser. E assim com muita tristeza entreguei a minha *kaxumbita*, mas ao mesmo tempo era um sonho ter aquele carrinho, e, assim, trocamos a nossa *kaxumbita* por brinquedos, não sei o que que ele fez com isso, mas ele ficou com todos os amuletos das crianças, e assim nós fomos nos desapegando do nosso amuleto protetor.

Segundo Lescano (2016, p. 30), “Nas comunidades, a Missão distribuía doações da Igreja, principalmente para as famílias necessitadas, pois, na época, o governo não oferecia ajuda social para os indígenas”. Conforme o mesmo autor, a atividade da missão consistia em acolher “as crianças órfãs e sustentar as famílias de mãe viúva, com alimentos, roupas e medicamentos, principalmente as que frequentavam a Igreja”.

Também conta a Jandira Montiel que a Missão Evangélica Caiuá teve um papel muito importante, tanto na questão da saúde quanto na alfabetização, pois quando indígenas eram picados por cobra, quando sofriam acidentes, ou quando as mães iam ter bebês, a Missão socorria. Da mesma forma quando a mulher ficava viúva, pois naquela época as mulheres eram totalmente dependentes do marido e, quando o marido falecia, ficavam

totalmente desamparadas com os filhos, as mulheres tinham então sete a nove filhos e não havia nenhum programa social do governo.

A missão foi responsável por alfabetizar a comunidade. A primeira escola funcionava em uma garagem de carro, e ensinava na própria língua materna. Essa primeira escola na reserva foi também na Missão Evangélica Caiuá, que se manteve até 2019 como extensão da Escola Municipal Gregório Vilhalva. Atualmente há duas escolas na Reserva Sassoró, e uma Sala de Extensão.

A Escola Ubaldo Arandu Kwe-mi (Sabedoria de Ubaldo) iniciou as atividades em 2005. O nome da escola é em homenagem ao Ubaldo Castelão (em memória). Ubaldo foi uma das lideranças na Reserva Sassoró. A Escola Municipal Ubaldo Arandu Kwe-mi atende alunos do pré ao 9º ano.

A Escola Estadual Indígena Jasy Rendy (Brilho de Lua) iniciou as atividades em 2018, e atende os alunos de Ensino Médio com ensino bilíngue. Essa escola foi criada em 1970 com a chegada do reverendo Benedito Troquez e sua equipe, pois assim que eles chegaram construíram Igreja, Farmácia e Escola. A primeira professora que alfabetizou os indígenas foi a professora Jandyra Dominoni, apelidada de *jari kã'í*.

Ela lecionava na língua kaiowá, assim como a professora Maria Aparecida da Silva. Os indígenas se interessavam e tinham facilidade em aprender, por elas falarem fluentemente em kaiowá. Com a chegada de Miguel da Funai, veio a sua esposa para lecionar para os indígenas. Já dessa professora os indígenas não se agradaram, primeiro porque ela não falava em guarani, e também porque todos os conteúdos que ela explicava não davam resultado. A comunidade, sentindo falta de uma professora indígena falante da língua materna, escolheu a sua primeira professora na Aldeia Sassoró. Ressalto que todos os professores e professoras que começaram a atuar na sala de aula iniciaram como professores leigos e leigas, e só depois foram atrás de sua formação – a Professora Luzia Montiel se formou em pedagogia pela FINAV em 2001.

Figura 17 – Professora Luzia Montiel



Fonte: Arquivo da autora, 2023.

E, além da Professora Luzia, mais três professores foram contratados na época: Elizeu Martins, Ancilo Castelão e Paulino Nunes. Elizeu Martins, 55 anos, formado em Geografia pelas Faculdades Integradas de Naviraí (FINAV), era professor efetivo. Ele foi diretor da Escola entre 2014 e 2017. foi um dos Diretores que incentivou os jovens a estudarem. A maioria dos pedagogos que tem na EMIUAK se formaram na gestão escolar dele. Infelizmente, em outubro de 2019 ele faleceu vítima de complicações de saúde relacionadas à diabetes.

Figura 18 – Elizeu Martins (*in memoriam*)

Fonte: Arquivo da autora, 2017.

O Ancilo Castelão, meu pai – é filho de Ubaldo Castelão. Ele nasceu na aldeia Ysaúkuê, que atualmente é a Fazenda Vera Cruz, no município de Iguatemi, e cresceu na aldeia Sassoró. Casou aos 14 anos com minha mãe, Dila Duarte Castelão, por um casamento arranjado pelos meus avós. Ele trabalhou nas fazendas, primeiro como peão, assim que se casou com a minha mãe. Mas, com a necessidade de ter um professor indígena, ele foi convocado para voltar para a aldeia e trabalhar como professor. Ele tem magistério normal médio do programa proformação. Já foi vereador, e também é professor efetivo. Meu pai tem uma irmã que se chama Andila Castelão. Ele tinha 8 irmãos, e, de acordo com a minha falecida avó, 7 dos seus filhos faleceram. Meu pai também já foi capitão na aldeia por 8 anos. Meus pais se separaram em 2020, e nesse mesmo ano ele se casou de novo; e, com a separação da minha mãe, ele acabou se afastando dos filhos também.

Figura 19 – Ancilo Castelão



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Paulino Nunes já foi missionário da Missão Evangélica Caiuá (Meca). Passou pelo Instituto Bíblico de Dourados, é Pedagogo, e tem formação pela FINAV. Atualmente é coordenador da Escola Ramada (Extensão EMIUAK).

Figura 20 – Professor Paulino Nunes



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Os professores indígenas foram fundamentais na alfabetização de crianças e jovens, pois conheciam a realidade da sua comunidade, eram falantes da língua materna, e não maltrataram a comunidade.

A reserva Sassoró possui três Escolas:

Figura 21 – EMIUAK, Escola Municipal Indígena Ubaldo Arandu Kue-mi (Sabedoria de Ubaldo)



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Na Escola Municipal Indígena Ubaldo Arandu Kue-mi (Sabedoria de Ubaldo), o nome da Escola é em homenagem ao Cacique Ubaldo Castelhão (em memória).

Figura 22 – Ubaldo Castelhão (*in memoriam*)



Fonte: Arquivo de Gilson Pereira, 1994.

Em agosto de 2018, a Escola Estadual Indígena Jasy Rendy (Brilho de Lua), iniciou as atividades. Essa escola (Figura 25) atende alunos de Ensino Médio à tarde. E de manhã atende alunos da Escola Municipal Arandu Kwe-mi do 6º ao 9º ano. E a Escola Ramada (Figura 26), que fica localizada em Itasyryry, é extensão da Escola Municipal Ubaldo Arandu Kue-mi, atendendo alunos do pré-escolar ao 5º ano. Perto das Escolas tem rios e nascentes, onde os professores levam os alunos para fazerem as pesquisas de campo.

A aldeia Sassoró possui também o Posto de Saúde Guilherme Resãi Kue-mi (em memória ao cacique Guilherme Centurião).

Figura 23 – Posto Guilherme Resãi Kue-mi



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

O posto de saúde Guilherme Resãi Kue-mi tem 26 funcionários: são 9 agentes indígenas de saúde (AIS), 4 agentes indígenas de saneamento (AISAN), uma médica, uma psicóloga, uma enfermeira, um dentista, uma auxiliar de dentista, duas técnicas de enfermagem indígenas e 8 motoristas, sendo 4 motoristas indígenas e 4 não indígenas.

O atendimento médico é a partir das 8:30. O fim do horário de atendimento depende dos pacientes: quando tem muitos pacientes enfermos, o atendimento se estende até 13:30. O mesmo médico que atende Sassoró atende também a aldeia Jaguapiré. A comunidade de Sassoró só procura o hospital quando está muito doente, pois na aldeia temos uma equipe de profissionais que sempre trabalhou em prol da saúde indígena. Além disso, sempre tem parceria com as escolas, como na campanha do Setembro Amarelo, quando são feitas as palestras, atividades e gincanas com os estudantes reforçando a importância de cuidar da saúde mental e de combater o suicídio. No mês de outubro tem o Outubro Rosa, com palestras para as mulheres e exames promovendo conscientização sobre a prevenção do câncer de mama. E da mesma forma, no mês de novembro há o Novembro Azul, que é uma campanha para conscientização sobre a importância dos exames de prevenção e do diagnóstico precoce do câncer de próstata.

A aldeia Sassoró tem também a Casa Dia Luzeleide Silveira (*oga arakue-gua*). A Casa Dia era o local onde se atendiam as crianças desnutridas de forma integral. Começou a funcionar em 2010, mas, devido à falta de verba, em 2013 parou de funcionar, mesmo tendo crianças desnutridas na aldeia. Atualmente no local funciona a FUNAI, e um escritório do capitão Ivan para atender as comunidades da reserva de Sassoró.

Figura 24 – Antiga Casa Dia Luzeleide Silveira



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Figura 25 – Escola Estadual Jasy Rendy, de ensino médio



Fonte: Arquivo da autora, 2024..

Figura 26 – Escola Ramada, extensão EMIUAK



Fonte: Arquivo de Emerson Martins, 2024.

1.2 A roça kaiowá na reserva Sassoró

A roça kaiowá é misturada e diversificada. A roça do Kaiowá tem um significado muito importante; o cultivo, a plantação e a transmissão de saberes e conhecimentos sempre foram na prática, na oralidade. A roça kaiowá tem diversos tipos de plantações, como mandioca, batata-doce, abóbora, melancia, abacaxi e banana. O que nos faz mantermos a nossa roça tradicional é a troca de sementes, além da oralidade, e tudo o que os nossos ancestrais ensinavam e praticavam: é necessário praticar isso no dia a dia com os nossos filhos, para que essas práticas agrícolas continuem.

De acordo com o ancião Catulino Gonçalves, a roça kaiowá envolve as fases da lua, as rezas e as estações do ano.

Na roça Kaiowá tem diversos tipos de plantações porque nós plantamos para o sustento da nossa família, para não ter que comprar dos mercados, as plantações das nossas roças não têm veneno, é saudável. E oferecer alimentação saudável para nossa família não tem preço. Até hoje continuo seguindo os manejos dos meus avôs e meus pais, e sempre deu certo, o Tupã sempre abençoou a minha roça, minha roça sempre foi bonita, e sempre colho bastante mandioca, batata-doce, abóbora, *kumanda* (feijão-de-corda) milho e cana. Não existe segredo para uma boa plantação, para ter uma roça bonita, é só seguir os manejos dos nossos ancestrais, plantar na época certa, respeitar as fases de lua, e não deixar mulher menstruada entrar na roça. (Catulino Gonçalves, 2024)

Figura 27 – Roça kaiowá



Fonte: Arquivo de Dila Duarte Castelão, 2024.

De acordo com o pesquisador kaiowá Peralta (2022, p. 32),

Mas não é só a terra que garante a nossa sustentabilidade Kaiowá e Guarani. A gente também tem a sustentabilidade espiritual, onde as rezas, os cantos, os rituais e as celebrações têm muita importância e precisam ser praticados. Temos que rezar, temos que produzir o alimento, para vir a chuva, para batizar a terra, para plantar a semente e para a colheita. Então a sustentabilidade é um conjunto, um sistema, que faz parte da nossa ciência indígena, nossa ciência Kaiowá e Guarani.

Figura 28 – Roça de Dila Duarte Castelão



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Dila Duarte Castelão, minha mãe, tem 53 anos. Tem formação pelo Magistério Guarani Kaiowá Ará Verá e Graduação pela Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu na área de Linguagem. É professora e agricultora. Trabalha com *kokue jopara* (roça misturada e diversificada). Desde que a minha mãe se separou do meu pai, ela viu a roça como uma forma de terapia pós-separação.

A roça *jopara* para os Kaiowá se faz pensando em ter diversos alimentos. Os agricultores kaiowá, quando vão carpir as suas roças, já trazem: mandioca, batata-doce, abóbora, *kumanda* (feijão-de-corda), entre outros. A minha mãe, desde que éramos pequenos, já nos levava na roça; tanto a plantação quanto a capinagem eram sempre de forma coletiva. Isso já fazia parte da nossa educação indígena kaiowá, e essa mesma educação estamos repassando para os nossos filhos. Essa educação indígena sempre foi na oralidade, com prática e ensinamento. Por isso a roça é essencial na nossa educação, na nossa formação como indígena e ser humano.

Geralmente, quem cuida mais da roça é a mulher. Na minha família sempre teve a coletividade tanto na plantação quanto na capinagem, mas quem cuidava mesmo era a minha mãe. A minha mãe sempre fez da roça a sua segunda casa.

Figura 29 – Dila Duarte Castelão



Fonte: Arquivo da autora, 2022.

Atualmente, o batismo da roça, *kokue nhemongarai*, não existe mais. De acordo com o antropólogo Romero (2023, p. 46),

[...] todas as coisas aqui na terra têm o seu dono, o seu *jará*; assim, as plantas, desde o preparo do solo, a plantação, a colheita e consumo, tudo era realizado dentro do ritual *nhemongarai*, que é o batismo, no caso da roça/plantas. Para que fosse feito esse ritual, o morador escolhia um local específico, onde seria feito o preparo do solo, e então era chamado o rezador.

1.3 Os Kaiowá

O povo Kaiowá é conhecido como *ava ka'aguy* (povo da mata). Os Guarani são povos indígenas que se distinguem em três etnias: Kaiowá, Nandeva e Mbya. Ocupavam a América Meridional e a região da bacia do Rio da Prata quando houve a invasão colonialista dos espanhóis e portugueses no século XVI, uma imensa área que hoje inclui os territórios brasileiros do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso do Sul, além de partes dos países vizinhos (Monteiro, 1992).

O nosso pensamento como indígena kaiowá e fortalecer o nosso jeito de ser, a nossa língua materna, a nossa identidade e a espiritualidade e o nosso objetivo como indígena e garantir um futuro para as próximas gerações, e nos temos o dever de lutar pelo nosso território para que nos continuamos existindo e resistindo.

Segundo Schaden (1974, p. 2), “Os guarani do Brasil Meridional podem ser divididos em três grandes grupos: Os Nandeva [...], os Mbya e os Kayová”. Na Reserva de Sassoró, residem Guarani e Kaiowá. Os Kaiowá são também conhecidos na literatura como “*pãi-tavyterã*” (denominação usada no Paraguai), ou “Caaguá-Montenese” (Brand, 1997, p. 49). De acordo com Pereira (2004, p. 22),

As populações conhecidas no Brasil como Kaiowá ocupam, atualmente, pequenas áreas situadas em uma faixa de terra de cerca de 150 quilômetros de cada lado da região da fronteira do Brasil com o Paraguai, onde são denominados Pãi Tavyterã. Tradicionalmente são agricultores de floresta tropical, praticando a caça como principal fonte de proteína, e a pesca e a coleta como atividades subsidiárias.

Para Pimentel (2012, p. 34),

Desde a redemocratização do país, nos anos 80, a recuperação das terras reivindicadas pelos Kaiowá e Guarani como ocupação tradicional tinha ocorrido “a conta-gotas”. Grupos locais, inicialmente de forma isolada, e posteriormente com apoio do movimento Aty Guasu, ocupavam uma área da qual haviam sido despejados [...]

1.4 Ciência indígena

Na cultura e na ciência do Kaiowá, tudo envolve a questão da espiritualidade, da divindade — que as florestas, os rios, os peixes, os animais, as plantas, tudo tem seu *jára* (guardião). Por isso é importante manejar os lugares desses animais, seres e plantas de forma respeitosa. Se o manejo não for de forma respeitosa, os *járas* desses animais, plantas ou seres reagem.

Assim, na nossa cosmologia Guaraní Kaiowá em relação ao território e meio ambiente, tudo é relacionado com a espiritualidade. Na cultura Kaiowá, as plantas sagradas são: cedro, palmeiras e argelim conhecido em Kaiowá como *yvyra ryakuã*. De acordo com os mais velhos, muitas pessoas confundem o argelim, *yvyra ryakuã*, com cedro, mas não são os mesmos, apesar de o cedro também ser uma planta sagrada. Muitas pessoas confundem porque o cedro também tem um cheiro forte e marcante.

Segundo os anciões e anciãs Kaiowá, não é qualquer um que pode se aproximar de *yvyra ryakuã*: é preciso uma reza específica para se aproximar, que nós chamamos *mbiro'y*. Essa árvore que conhecemos como sagrada, no local onde ela se encontra, para algumas pessoas seria um lugar assombrado, porque, de acordo com os Kaiowá, essa árvore pode se transformar também em animais, como cobra, onça, e se o pedaço dessa árvore for jogado no rio, se transforma em animais aquáticos.

Aqui na aldeia Sassoró essa árvore não existe mais, mas o *nhanderu* Joarez Velário tem o *chiru* ainda feito dessa árvore: de todos os rezadores que morriam, ele recolhia os *chiru*. Meu avô contava muito que, na época onde a aldeia tinha floresta, alguns homens, por não conhecerem a árvore, a usavam para construir casa; e ele dizia que, no local onde tem essa árvore, acontecem muitos acontecimentos inexplicáveis. Para o indígena, como eu disse, tudo tem seu *jára* (guardião): as florestas, os rios, os animais, as plantas, as cachoeiras, tudo tem seu *jára*; e acreditamos que os espíritos dos nossos ancestrais e outros seres estão naquele lugar. Isso torna a nossa relação com o território e meio ambiente uma forma de relação baseada em atitudes reverenciadas e harmoniosas. Nós nos sentimos parte do meio ambiente, e não tem como desconectar território do meio ambiente.

Crescemos com uma visão de ciência indígena que é significativa para nós. Sem percebermos, já nos tornamos ativistas, porque crescemos com o olhar de guardião ou guardiã das florestas, dos animais, dos rios, e enfim de toda a natureza.

Figura 30 – Cachoeira do Amor, Aldeia Sassoró



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Figura 31 – Nascente



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Na nossa cosmologia, a presença dos animais em determinados lugares tem seus significados. Pomo por exemplo: a presença frequente de formiga-vermelha em uma casa é um sinal de maldição, e de que a família que reside nessa casa irá abandonar o local se ele não for benzido. E há alguns animais, como o lobo *aguará* e a cobra-cega *yvyja*, dos quais na cultura kaiowá se diz *vixo mboraiú* (animais que anunciam mau agouro): a presença desses animais é rara, mas quando se vê um deles é sinal de luto, de notícia ruim, de que uma pessoa da família ou pessoa próxima irá partir para o plano espiritual.

[...] outros fatos são tidos como perigosos ou amedrontador ou podem ser encarados. A visita de beija-flor no terreiro ou dentro de casa é o anúncio de uma visita. O canto do sapo e da cigarra é o anúncio que o frio já irá passar. O canto do pica-pau perto de uma casa é o anúncio da separação do casal. Todos esses conhecimentos são milenares que passam de geração a geração.
[...] A cosmologia indígena se enaltece dos saberes que se estabelecem ao redor de fenômenos naturais, de modo que a cultura volta-se para ciência da natureza em uma perspectiva ecológica, no qual os saberes tradicionais reagem a forma de se conceber a natureza. Deste modo, os conhecimentos tradicionais estabelecem os acontecimentos espirituais, as formas e as épocas de plantio, entre outros aspectos da cultura. (Ribeiro; Cruz; Duarte, 2024, p. 5)

E os mais velhos sempre nos orientam a nos resguardar na época que os ipês (*tajy*) estão florescendo, de julho a agosto, pois, segundo eles, os primeiros espíritos que descem são os espíritos bons, mas logo depois descem os maus espíritos. Por isso, é importante ter muito *nhembo'e* para afastar esses maus espíritos: se não tiver *nhembo'e* haverá muitos suicídios, separações de casais, mortes e brigas.

Os mestres e mestras tradicionais (*nhanderuguasu remimboukue*) são fundamentais para o território ser um território sadio. Através deles ainda há canto e rezas, e a presença deles é de extrema importância nos movimentos e assembleias indígenas, como por exemplo a Aty Kunhã (Movimento das Mulheres Guarani Kaiowá), a Aty Guasu (Assembleia Guarani Kaiowá), e a Raji Aty Jovem (Assembleia de Jovens Guarani Kaiowá), como também nas festividades tradicionais, e para mantermos as nossas roças, para fortalecermos a nossa cultura, nossa cosmologia, ciência indígena, e o nosso modo de ser Guarani Kaiowá. Os mestres tradicionais conhecem os ciclos da roça, a fase da lua, e o calendário tradicional.

A roça kaiowá é mais conhecida como *kokue jopara*, que é uma roça com plantas diversificadas. No *kokue jopara* tem diversos tipos de plantações: mandioca, batata-doce,

abóbora, kumanda (feijão-de-corda), kará, milho, abacaxi e banana. O mês em que nós, Kaiowá, nos resguardamos mais é o mês de agosto. Se acordo com a anciã Luiza Martins:

O agosto é o mês onde mais acontece tragédia, os casais se separam, os animais morrem facilmente, mês onde acontece muito suicídio, mês onde tem muitas cobras. É preciso muita reza para afastar os maus espíritos, é preciso evitar o canto *jeguaka poty* nesse mês, para os casais não se separarem, pois é um canto que faz a cabeça das pessoas virarem. E muito canto e rezas para afastar tristezas e pensamentos suicidas da comunidade, até os pais tem que ficar atento com as crianças, pois muitas vezes a criança brinca com a terra e imita ação de enterro, que é considerada *mbora'u* (mau agouro). Nesse mês também aparece mais lobo e ouvimos mais canto de *taguato*, que simboliza que teremos notícia ruim ou perda de ente querido. Nesses meus 85 anos a presença de um lobo já me deixava preparada para o luto, porque a presença dele não é em vão. (Luiza Martins, depoimento à autora em 2024)

Também é assim com o parto: em agosto, as parteiras orientam para estar atentas nas mulheres nos períodos do puerpério, do nascimento e do cuidado com o recém-nascido, pois tanto a mãe quanto o bebê adoecem facilmente. De acordo com Lewkowicz (2016, p. 110),

Agosto é o mês mais perigoso do ano, é o último mês dos tempos antigos [*Ara yma*], do frio, do vento sul, [...] nem mesmo os pintinhos que nascem nesse período tende a sobreviver, ficam doentes e morrem. Não adianta nem cuidar muito, pois não é a hora certa para nascer.

Figura 32 – Parteira Luiza Martins



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

É nessa concepção que as parteiras conscientizam as parturientes a se cuidarem mais nesse mês, e incentivam todos a cuidar muito bem das crianças recém-nascidas e das mulheres que estão no resguardo nessa época. Elas consideram os meses de agosto e outubro como os meses mais difíceis do ano — em outubro porque já não tem mais plantações, um tempo que os Kaiowá consideravam antigamente como época de fome, conhecida como *karu vai*. Também é a época da chuva, e as *ysas kuerá* (formigas tanajuras) saem porque não tem mais como se alimentarem. Nessa época o povo kaiowá se alimentava apenas de guavira. E, quando ia pra caçada, a família toda ia, com os vizinhos. Se matava animal grande, assava perto do rio mesmo, para se alimentar de forma coletiva. Antigamente existia muito a coletividade, seja na caça, na roça ou na pescaria.

1.5 Projeto *Nhanã Rupi* (através das plantas)

O nome do projeto *Nhanã Rupi* em português significa “através das plantas”. É um projeto de Rômulo Martins Gomes, morador da Aldeia Sassóro e acadêmico da Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu da FAIND-UFGD. O Rômulo é uma das nossas maiores referências na aldeia: é o exemplo de que é possível, sim, a juventude fazer a diferença dentro do território. Pois o seu projeto se dedica principalmente à produção de mudas de plantas frutíferas, nativas, floríferas e medicinais. A metade das mudas é utilizada para reflorestamento, e as outras são comercializadas para a comunidade local. As mudas produzidas e não vendidas são doadas para pessoas e famílias carentes. As mudas são comercializadas para o mantimento do projeto. O projeto conscientiza a importância de cuidar do nosso território. Com o intuito de recuperar o solo e as áreas degradadas, como também para a conservação ambiental, é um projeto de plantio e reflorestamento.

Todo ano acontece queimada no território, prejudicando as nascentes, as plantas nativas e medicinais, a fauna e a flora, e enfim os habitats naturais dos animais. O objetivo do projeto é resguardar as plantas nas áreas degradadas e inseri-las nas áreas de queimadas. O local do projeto antes era o lugar onde as pessoas jogavam resíduos; mas, para conscientizar, o Rômulo transformou o espaço em um viveiro de mudas. As mudas tem de vários preços, a partir de 15 reais. É um projeto de plantio e reflorestamento, um projeto que beneficia o *tekohá* Sassoró e a comunidade, conscientizando da importância do mundo verde.

É muito importante pensar e propor projetos relacionados com a questão ambiental, e esses projetos devem ser priorizados em cada território para que a futura geração possa usufruir disso. Constrói-se, assim, um futuro mais inclusivo e sustentável. É preciso desenvolver ações que promovam educação ambiental. Os nossos ancestrais sempre tiveram uma relação ritualística e única com o meio ambiente; por isso é necessário fortalecer a nossa cultura, a nossa identidade, para conservar o meio ambiente e o nosso território sagrado.

Figura 33 – Alunos visitando o projeto *Nhanã Rupi*



Fonte: Arquivo de Rômulo Martins Gomes, 2024.

CAPÍTULO II

A GESTAÇÃO KAIOWÁ EM CADA *TEKOHÁ*

Nós Kaiowá crescemos ouvindo a história sobre a *Nhãndesy*, mãe de sol e lua, *kuarahy e jasy*. A *nhãndesy* foi a primeira mãe solo, que foi abandonada pelo pai dos seus filhos, o *nhãnderu*.

Figura 34 – Edilaine Castelão Duarte

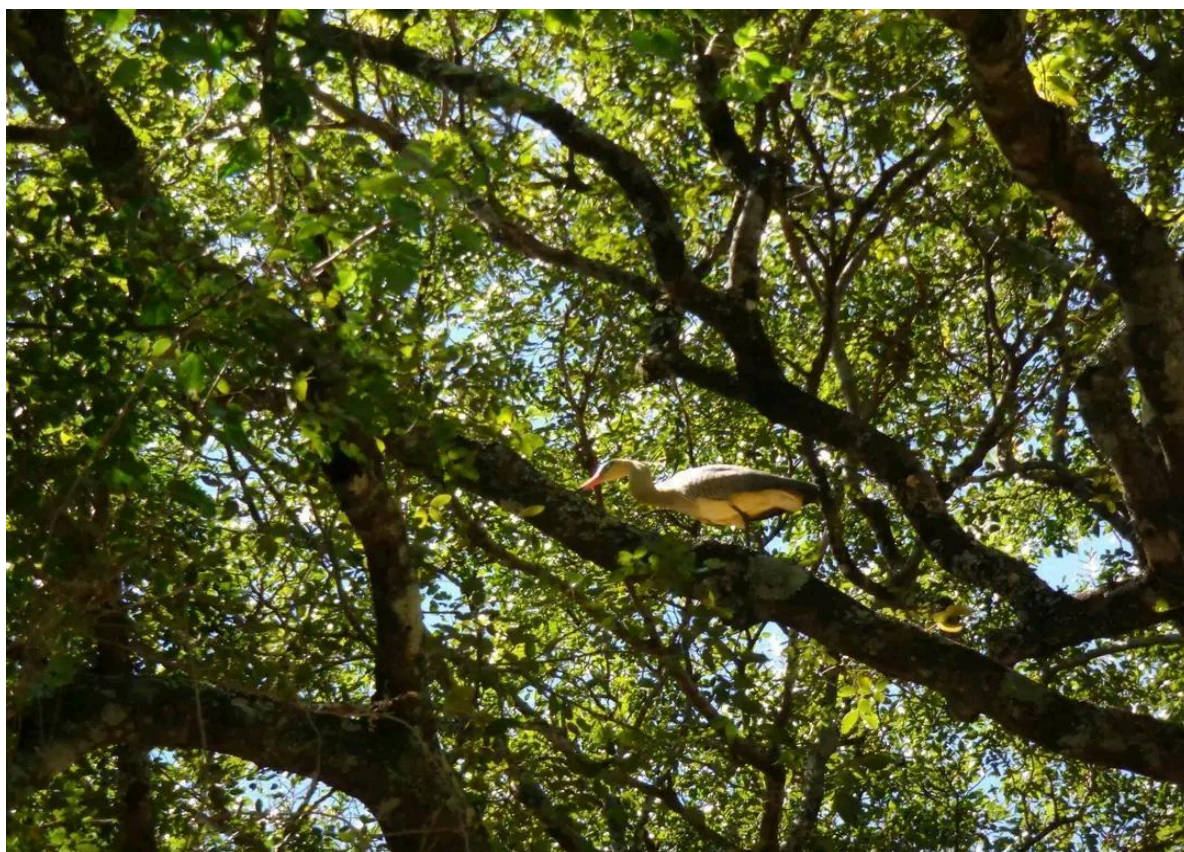


Fonte: Foto de Ismael Morel, 2020.

A gestação de uma mulher na comunidade é sempre muito importante em cada *tekohá*. Quando há uma vida a caminho, os pássaros sempre dão um sinal à parentela. O

gestar é um acontecimento onde a parturiente conhece as plantas medicinais. No início da gestação kaiowá, a presença dos pássaros *guyra* é muito comum, por exemplo a presença do pássaro bem-te-vi (*guyra pitogue*), que simboliza uma gravidez na família. Esses pássaros cuidam da gestante e protegem os bebês após o nascimento. Assim como o pássaro *kuarahy mimby* (maria-faceira): os pássaros sentem quando tem uma vida pairando no ar.

Figura 35 – Maria-faceira, *kuarahy mimby*



Fonte: Arquivo de Paula Trombini, 2024.

A gestação para mulheres é uma experiência única e diferente. Atualmente, o que mais dificulta o uso de plantas medicinais são os alimentos enlatados, os refrigerantes, o sal, o óleo e o açúcar, que não havia na dieta de antigamente. Dessa forma, alguns remédios acabam não fazendo muito efeito. O ideal seria não misturar a alimentação com alimentos industriais, enquanto tomar os remédios indicados.

No relato da *Nhandesy Marilda Duarte*:

Yma akue ndoikoi Juky, ndoikoi nhandy, ndoikoi açuca, upeagui ha'e kuera hou rom pohã ojararra porã xupe, oiko rire nhandy, oiko rire juky, oiko rire

refrigerante, oiko rire açuca, um saco jepe reurom pohã, ou kunhã oje relaciona voi rom tres meses mboyve mi pohã ndojapoi oi efeito, upexa rupi ve ave koanga rupi ndajaiko puku veima, 50,60 anho pevente jahupyty, pexa rupi heta hente operze heko marangatu, nhamoin ma nhande jehe karai rembiu, nhande jaikoma karai reko rupi, mi pohã ave ovengeuka ha ogueropurahei. Ko ape Dourados tekohá pe ndoikoveima pohã nhandã, peagui xe agueru ko xe roga kotape pohã brejo pe gua anhoty mi pohã mi otro tekohágui,

Antigamente não existia sal, não tinha óleo, açúcar, dessa forma os remédios faziam efeitos; depois que se consome óleo, sal, refrigerante, açúcar, mesmo que tome um saco de remédios — ou se as mulheres se relacionarem antes de três meses, os remédios não fará efeito. Dessa forma também as pessoas morrem mais cedo, no máximo 50 ou 60 anos, e consequentemente nós perdemos nosso jeito sagrado: temos comida dos não indígenas no nosso corpo, estamos vivendo como não indígenas. Os remédios precisa ser benzidos, receber o canto. E aqui na Aldeia de Dourados os remédios já estão escassos, os remédios que eu tenho aqui em casas são remédios que eu trouxe de outros territórios.

E as parteiras sempre orientam o pai do bebê a não dar desgosto para a esposa, pois tudo que a mãe passa o bebê sente, e, se o bebê se sente rejeitado, pode acontecer o que nós Kaiowá chamamos de *mitã nhemoyrõ*, a criança pode ficar muito doente na fase onde os pais são muito apegados nela, ou até mesmo ir a óbito se não for levada nos mestres tradicionais. Há também a importância dos cuidados para preparar o corpo para o parto e pós-parto. Atualmente, com a chegada da SESAI e a entrada das igrejas pentecostais como a “Deus É Amor”, fundada por David Miranda, parturientes procuram pouco o trabalho das parteiras, deixando de lado a medicina tradicional indígena.

O primeiro contato de um indígena da Aldeia Sassoró com a IPDA (Igreja Pentecostal Deus É Amor) foi em 1997: meu tio Jorge Duarte tinha um câncer terminal, e de tanto ele procurar a cura para o câncer ele acabou conhecendo a IPDA. Ele ouvia que as pessoas que iam para a sede de São Paulo, nessa igreja, se curavam das doenças. Meu tio viajou no mesmo ano com minha tia Graceli Castelão a SP, na esperança de que voltaria a andar. Ele voltou de lá decepcionado e ainda mais depressivo, até que em 1998 ele faleceu.

De acordo com Gonçalves (2023, p. 26):

A presença dessa Igreja na aldeia tem impactos profundos na cultura e tradição indígenas, muitas vezes modificando e substituindo práticas e rituais ancestrais. É importante destacar que a presença da Igreja Pentecostal Deus é Amor na aldeia Sassoró é apenas uma ilustração de um fenômeno mais amplo que ocorre em várias comunidades indígenas. O avanço das comunidades não indígenas tem gerado debates e questionamentos sobre a preservação cultural e a autonomia das comunidades indígenas para definir suas crenças e práticas espirituais.

No ano de 2000, a igreja Deus É Amor chegou de volta à aldeia Sassoró, por Mauro Centurião. As mulheres das igrejas pentecostais e neopentecostais são mais conservadoras, seguem regras mais rígidas, usam saias compridas, não podem cortar o cabelo, são proibidas de tomar remédios contraceptivos que a SESAI fornece, assim como os remédios tradicionais feitos pelas parteiras. Como também, na época da covid-19 espalharam *fake news*: os dirigentes proibiram os membros da igreja de tomar vacina de covid, alegando que a vacina tem número da “besta”, se referindo ao trecho bíblico do Apocalipse. Eles alegaram que era uma vacina com microchips rastreáveis, diabólica, e que iria provocar esterilização nas mulheres. As declarações irresponsáveis do então presidente Jair Bolsonaro reforçaram ainda mais os pensamentos neopentecostais, quando o presidente estava contrariando a ciência.

As parteiras relatam que na SESAI já se oferta pré-natal, acompanhamento psicológico e atendimento com nutricionistas e médicos, e também há visitas do AIS (Agente de Saúde Indígena) que visita as pacientes toda semana. Com isso, o trabalho delas acabou se enfraquecendo, pois só eram procuradas quando as crianças estavam com ventre virado. Com políticas públicas voltadas para gestantes indígenas, com a entrada das igrejas pentecostais, os saberes, as práticas e os conhecimentos ancestrais foram enfraquecendo. Em 2020 os trabalhos das parteiras foram muito procurados, por conta da covid-19 e do isolamento social; mas, com o tempo, voltando a normalidade das rotinas da SESAI, acabou enfraquecendo outra vez.

A chegada da IPDA e outras igrejas com o mesmo modelo também acabou mudando a visão da comunidade. Atualmente em Sassoró tem 25 igrejas pentecostais, mas a primeira que chegou depois da Missão foi a Igreja Pentecostal Deus É Amor. Depois foram surgindo outras igrejas pentecostais; mas é o mesmo modelo, o seguimento, a mesma doutrina que a IPDA, o que muda é só o nome. Se os membros da igreja brigam entre si, um já sai e funda uma outra igreja, com o mesmo modelo. A IPDA acabou se expandindo no nosso *tekohá* e em contrapartida o nosso *reko te'e* (nosso jeito de ser) foi enfraquecendo: não temos mais casa de reza, não temos mais o batismo das crianças, do milho-branco.

Temos poucos mestres tradicionais, mas que praticam o xamanismo de forma discreta, porque o preconceito é muito grande. A violência contra nosso modo de ser, nossos cantos, rezas, rituais, nosso *reko*, é constante, como também a violência contra os nossos mestres tradicionais *Nhanderu* e *Nhandesy* que são detentores de saberes e conhecimentos.

Em outros *tekohás*, como aldeia Bororó, em Dourados, a casa de reza do *nhanderu* Getúlio Juca foi queimada três vezes. De fato, no município de Dourados a intolerância religiosa é muito grande. Já na Aldeia Rancho Jacaré, município de Laguna Carapã, a casa da *Nhandesy* Martina Almeida virou cinzas, e o mesmo na Aldeia Amambai, com a casa de reza da *Nhandesy* Nilza Rossate, *óga pysy*. O local que para nós Guarani Kaiowá é um lugar sagrado.

Os neopentecostais contribuíram assim para enfraquecer o trabalho das parteiras, pois eles pregam que as rezas, os rituais, as festividades tradicionais e a cultura estão relacionados com rituais diabólicos, a que eles se referem como “espírito enganador” desvalorizando a própria cultura e memória dos nossos ancestrais. De acordo com o ancião Catulino Gonçalves,

A nossa cultura precisa ser valorizada, o fato de um indígena ser um membro da igreja não muda a sua origem, a sua história, é possível sim ser crente e honrar a memória dos nossos ancestrais, pois os nossos ancestrais vivem nas rezas, nas danças, no som de *Takuapu* e *mbaraká*. Morar em um *Tekohá* e adotar totalmente o *karai reko* isso não é vida para nós *avá* Kaiowá, se continuar indo nesse caminho nosso *reko* irá morrer.

Antigamente as parturientes indígenas, desde que descobriam que carregavam um bebê, acabavam seguindo regras e rituais. Até hoje ainda há parturientes que procuram o trabalho das parteiras durante a gestação, mas o trabalho das parteiras não é procurado como antigamente. Segundo as parteiras kaiowá, existe *ojeheko mbo'e* (ensinamento cultural) para que se tenha uma boa gestação. As parteiras têm a maioria dos remédios tradicionais “*pohã nanã*” (remédio tradicional com que elas cuidam do corpo, da mente e do espírito) ou *pohã roysã* (língua-de-vaca) perto das suas casas, como também as gorduras de animais como, por exemplo, *mbusu kyra*, que é usado nas massagens e utilizado como remédio. E no trabalho de parto as parteiras dão caldo de *mbusu* (peixe mussum): segundo as parteiras, serve para o bebê nascer mais rápido.

Segundo Moimaz et al. (2020, p. 123), “tal conhecimento ancestral tradicional de mulheres em relação à gravidez, parto e puerpério são práticas de vida transmitidas intergeracionalmente, com foco no físico, emocional, espiritual e comunidades das mulheres e daqueles que nascem”.

Na maioria das vezes, as mães das parturientes, ou pais dos bebês, já sonham com certos sonhos que são tradicionalmente conhecidos na cultura Kaiowá como sinais que simbolizam um bebê a caminho, como sonhar com maria-faceira, papagaio ou pomba.

Quando o bebê se assenta no útero da mãe, pode-se sonhar com pássaros, principalmente papagaio: esse sonho pode ser sonhado pelos pais do bebê, avós ou pessoas mais próximas da gestante. O papagaio simboliza o som da alma, “*nhe’e*” e “*ayvu*” ou “*guyra ayvu*”.

Figura 36 – *Guyra nhe’én ngatu*, papagaio



Fonte: Arquivo da autora, 2025.

De acordo com a Luiza Martins,

Rehexama lorito oin hape oin vy'areyn? lorito oin hape oin vy'a, ha'enko hente ndovyia jepe ombovy'a, ha'e petein ogápe onhee'n, poro ha'ã, poro mbopuka, pexagui lorito jahexarõ hae mitã outa nhande mbovyia haguã.

Você já viu o local onde tem papagaio ser um ambiente de tristeza? No ambiente onde tem papagaio é um ambiente de alegria, o papagaio tem o poder de deixar até as pessoas mais depressivas alegres, em uma casa ele conversa, imita, nos trazem alegria, por isso, o papagaio no sonho é um sinal que um bebê está a caminho, pois uma criança nos traz alegria.

E segundo o relato da Venancia Centurião,

Oguapyvo ndeve haguã oinko re sonha loritore, sapyante resonha lorito ray, resonha sapyante oirô haitype, resenha hina uguata rô, sapyante resonha nde oi rejagarrô nde jyvare pexarô nde oi resonha nde jehe, ja rejagarrama ha'e ijayvu, sapyante omboguapy oi nde pore pe ome'en ha ndeve, lorito ha'e guyra porã ha oreko pama oi entero mba'e porã ijehe.

Ao assentar-se no útero, se sonha com papagaio: às vezes se sonha com filhotes de papagaio, ou de papagaio no ninho; às vezes se sonha com papagaio andando, ou quando se pega papagaio nos braços. Quando é assim, se sonha com a própria gestação, você já pega o som da alma de papagaio, as vezes assenta na sua mão ao entregar o som da alma, papagaio é um animal bonito, e já tem todas as qualidades e habilidades de uma criança.

Segundo Lúcia Pereira (2020, p. 70),

Uma gravidez desperta grande curiosidade e a explicação está além do que se pode ver. É o sonho que revela o caminho da gravidez. Quando se sonha com pássaro é sinal de que algumas mulheres da família correm o risco de engravidar, alertando aos familiares para ficar de olho nas meninas. No sonho, as visitas do beija-flor e dos *guyra mitã*, são especiais para construção do gestar da mulher; são esses espíritos que trazem a alma para a formação da criança.

As parteiras aprenderam a partejar com suas bisavós, avós, tias e mães. Há rezas, rituais e ervas que preparam o corpo e o psicológico das parturientes para o parto. Elas têm também canteiros onde plantam ervas medicinais, e têm também gorduras de animais no pote, que também são utilizadas como remédios: *kaguare kyra* (gordura de tamanduá), *mbuku kyra*, *tatu kyra* (gordura de tatu), *sucuri kyra* (gordura de sucuri), *mbusu kyra* (gordura de muçum). Esses animais são consumidos pelas parteiras, e a gordura é retirada. Cada pote de gordura é para alguma doença específica.

Na gestação as parteiras fazem chás e ervas das plantas medicinais, para as mulheres tomarem no chimarrão e tereré. E usam cinzas (*tanimbu guyre*): colocam cinzas em um pano e fazem compressas na barriga e nas costas, pois a cinza de fogo tem efeito relaxante. Quando a gestante está com dificuldade para dormir, tem pesadelos, depressão ou crise de ansiedade, elas dão banho de plantas medicinais que têm cheiro forte, *pohãné*, que afastam maus espíritos, como a planta arnica-do-mato (*yryvu ka'a* e *amba'y rogue*) ou a folha

de umbaúba: essas plantas têm um cheiro muito forte, elas não podem ser tomadas, só são usadas para banhos.

As parteiras kaiowá são escolhidas pela confiança da família das parturientes. Elas cuidam da saúde física e psicológica, inclusive no cuidado quanto à alimentação. Os conhecimentos e saberes tradicionais são milenares, e elas foram muito bem preparadas por outras parteiras. Elas ainda mantêm a rotina tradicional kaiowá: os alimentos são mais de pesca, roça e caça, o que mantém elas saudáveis.

A gestação e o nascimento de um bebê indígena são muito especiais para a comunidade, pois a criança é a continuação do povo e da ancestralidade. O parto indígena envolve espiritualidade, regras, rituais e crenças na gestação, parto e pós-parto. E, após o parto, o pai também deve seguir rituais passados de geração a geração. Por exemplo, não pode mexer nos objetos pontiagudos, e não pode fazer atividades enquanto o umbigo do bebê não cair, geralmente por uns 7 a 8 dias. E, quando o pai se envolve com outra pessoa durante o gestar da esposa, o bebê adoece e alguns acabam indo a óbito, que as parteiras chamam de *mitã nhemoyrõn*. A cosmologia indígena está além do que se pode explicar: o bebê sente tudo ao seu redor.

Da mesma forma a mãe, durante esses 7 a 8 dias, não recebe visitas, nem mesmo dos familiares. Todas as decisões que se tomarem nesses dias são decisivas, pois nesses dias os pais optam por *teko porã* (bom viver), ou *teko vai*. Se a mãe receber visita de pessoa fofoqueira, ela se torna uma pessoa fofoqueira; se recebe visita de pessoa invejosa, ela se torna invejosa. Por esses motivos as parteiras orientam para não receber visitas durante esses 7 a 8 dias. O mais recomendado pelas parteiras é a criança passar pelo ritual *nhemongarai* (batismo) para só depois ser apresentada para os familiares e comunidade.

De acordo com o historiador Martins (2020, p. 50):

A criança recém-nascida (*mitã míchi*), em alguns casos, vem com som da alma provisório, é só com habilidade do rezador descobre qual será o verdadeiro som da alma para utilizar aqui na terra. Daí o nome da criança inspirado pelo som da alma. Até hoje, quando uma criança fica doente, o rezador que vai fazer o ritual, logo pergunta aos pais se sabem sobre o *anga ayvu*; e quando eles não sabem, esse líder espiritual faz uma reza longa para descobrir, e assim facilitar o trabalho de cura. Algumas crianças tem como som (*ayvu*) o da arara, da cachoeira, etc. Desde que as mulheres grávidas sigam as orientações das parteiras, livram os filhos recém-nascidos dos espíritos maus (*mbaé jepota*) e facilitam o bom desenvolvimento da criança.

Segundo a Venancia Centurião,

É importante a parturientes serem cuidadas desde o início, pois elas passam por diversos momentos, é preciso cuidar da alimentação. Para entrar na floresta em busca de remédios tradicionais é preciso pedir autorização aos *járas* (guardiões) da mata, para que o remédio de fato faça efeito: sem o benzimento e as rezas, as plantas não fazem efeito.

A dona Fabiana Benites falou da importância do *nhembo'e* no trabalho de parto, porque a fé ajuda no nascimento da criança, e as parturientes se sentem mais protegidas quando têm *nhembo'e*. O uso das plantas medicinais é essencial: não existe parto sem uso de plantas medicinais. As rezas, plantas medicinais, os saberes e conhecimentos tradicionais estão interligados. E algumas parturientes optam ter parto com as parteiras por se sentirem mais seguras. Uma das entrevistadas foi Gabriela Pereira dos Santos, 22 anos. No relato dela,

Xe anhe senti Porãve ointe areko hagian xe memby xe rogape, heta kunhãma hei na enteroi ombaapova hospitalpe ava pe poro trata porãha, peagui xe xe memby hasyite rom mante oi araha, como sy xe ndaxegutai ave xe memby jyva ombokua pa rei rom soro omoin haguã ndojohu voiri rom i vena, harire nanhande portuguêi rom atu nhande trata vai ventema, há nhande atunko nhande rasy reve jaha rom atunko nhanhe senti vai ventema, nhane memby osino nhande oi nhanderasyguima oinko jaheka hospital, ndahei jaguatapa rei haguã, medico itere nahendui teri ojezeclama rom mais xe ahendu poro recevia hospital pe há argunovere peagui xe mokoin ma xe areko parteira ndiete há pyae xe memby oiko, ni unave partera ndaxe trata vairi anhe sentive ave hente, mi pohã pyae omoingo, pero xe ajapo paite karai heiva xeve SESAI pe, pré natal, exame opa mba'e ojururea pero xe memby hagian xe partera ndie ointe arekota, ajerovia há anhesenti porã ve xe jariguasu(Toribia Flores) akue hae partera ave.

Me sinto melhor para ter o meu filho em casa. Muitas mulheres relatam que nem todos os funcionários nos tratam bem no hospital. Por esse motivo, eu só procuro hospital quando o meu filho está muito doente. Como mãe, não gosto quando furam muitas vezes os bracinhos do meu filho para colocar soro. Quando não dominamos o português eles fazem pouco caso, e quando vamos doentes no hospital nos fazem sentir pior ainda. Nós procuramos hospital simplesmente porque estamos doentes: ninguém vai ao hospital a passeio. Dos médicos mesmo eu ainda não ouvi reclamações, mas sim na parte da recepção e alguns funcionários. Por isso, eu já tenho dois filhos e foi com parteira. Eles nasceram rápido e em nenhum momento a parteira me tratou mal. Eu me sinto mais humana. As plantas fazem nascer rápido. Mas eu faço também o que a SESAI me pede, pré-natal, exames, tudo que eles pedem; mas o parto eu prefiro com as parteiras, me sinto melhor e confio mais nos trabalhos delas, porque minha bisavó Toribia Flores foi uma.

2.1 *Poasy'a, purusy'a ou pasy'a* (maldição ou consequência)

A *poasy'a* pode ser algo que as parturientes ingeriram ou fizeram durante a gestação, e pode ser também algo que se fez na infância. A nossa educação na infância sempre foi pensada para a vida adulta: desde pequenas as mulheres da nossa família nos orientavam para não consumirmos as frutas coladas *yva koi*, pois segundo as anciãs são os principais motivos para termos filhos gêmeos, e ter filhos gêmeos é passar também por um parto muito difícil e dolorido, pois as crianças demoravam mais para nascer. Mas o preparo para a vida adulta das mulheres já começava na primeira menstruação *kunhâtâi*. Quando a menina se torna moça, fica de 5 a 6 dias de resguardo. Nesses dias ela não pode comer carne, e deve fazer serviço doméstico: cozinha, lava louça, varre a casa, para não ser uma mulher preguiçosa, e para saber cuidar da casa e dos filhos. Na concepção das parteiras, é importante destacar o nosso jeito de ser, *teko marangatu*, que é a raiz (*ypy*).

As parturientes em hipótese nenhuma podem comer peixes, senão ficam a gestação inteira com cólica e desconforto abdominal. Não pode queimar lenha de forma contrária; não pode erguer cachorro e gato, nem tocar em galinhas, senão a criança fica atravessada na barriga da mãe, causando desconforto; não pode comer ovos, nem carne de porco, porque *poasy'a* de porco é ter um parto dolorido e demorado. Por isso, é fundamental utilizar as plantas medicinais, tanto do campo quanto do brejo, para facilitar o parto e não ser um parto tão sofrido.

Outro dos principais causadores de *poasy'a* nas mulheres era o pilão, conhecido na cultura kaiowá como *angu'a*. Antigamente era muito utilizado para moer os alimentos e as plantas. Lembrando que existem dois tipos de pilão, que apresento nas imagens a seguir.

Figura 37 – Pilão, *angu'a*



Fonte: Arquivo de Dila Duarte Castelão, 2024.

Figura 38 – Pilão horizontal, *angu'a nhenõ*



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Quanto ao *poasy'a* na alimentação, segundo Valiente (2023, p. 82),

A mulher gestante terá dificuldade durante o parto principalmente se comer peixe *nundi'a* – bagre, carne de porco ou pode sofrer parto seco por comer ovo, e outros alimentos proibidos para que a gestação não seja complicada, tais como: ovo, tatu, nambu, peixe (exceto muçu), carne de porco de mato, carne de capivara, carne de pato selvagem, preá, carne de veado, carne de raia, e os alimentos industrializados têm que ser excluídos, como refrigerantes, carne de porco de granja, pão etc.

Segunda a parteira Luiza Martins,

Ndaikatui jajohua já'u nhande membyta jave, peape yma guare hei ejekoakú hei, ndereui aram tatu volito, tatu omboty ikua há osen outro lao, quati, kaguare atu oxiri, pero entero mba'e ipohã ko yvy ari, pe tatu volito pasy'a pohã oin y kotare, quati pohã oin kaaguype yvyra matare, karpinxo reu rom nde ruguy eterei, karpinxo pohã hae ikangue jeynte oi rembopupu peape rembojahu.

Não podemos comer tudo na gestação, por isso antigamente falam para se cuidar: não pode comer tatu-bola, o tatu-bola fecha a toca e sai por outro lado; nem carne de quati; e *poasy'a* de tamanduá dá diarreia, mas para tudo tem remédio no mundo, remédio para *poasy'a* de tatu tem perto do rio, e do quati é uma planta que fica na árvore. Se comer carne de capivara tem muita hemorragia, e remédio para *poasy'a* de capivara é o próprio osso fervido, que é usado para dar banho na parturiente.

As parturientes sempre são aconselhadas a seguir regras e rituais, mas devido aos desejos de gravidez algumas parturientes não conseguem seguir todas as regras e rituais requeridos. E hoje já é muito difícil seguir as regras, porque nós temos hábito de ir em supermercados e padarias. E, segundo as parteiras, o que mais dá *poasy'a* atualmente nas parturientes é o uso de panela de pressão. O *poasy'a* de panela de pressão dá falta de ar e, se não fizer o ritual ao nascer do sol juntamente com a panela de tampar e destampar e juntamente com *nhembo'e*, a criança pode vir a óbito. Muitas das mulheres não seguem as regras, principalmente as mães de primeira viagem. Quando a parturiente escolhe ter parto com a parteira, se der *poasy'a* de panela de pressão, as parteiras tampam e destampam a panela ao nascer do sol, até o bebê conseguir respirar bem.

A parteira Luiza Martins falou de *poasy'a*, que pode ser causado pela alimentação da parturiente ou alguma atividade doméstica. De acordo com a pesquisadora kaiowá Lúcia Pereira (2020, p. 60), “O cuidado na alimentação é muito importante, assim como os cuidados para não chegar perto de alguns animais, como a tartaruga, o pato, o gato, que são animais fundamentais para fazer o *Poasy'a*, e não podem ser tocados [...]”.

O *poasy'a* é tudo que a gestante faz, toca ou ingere. Nós mulheres desde pequenas fomos educadas a varrer a casa de forma correta, não brincar com argila, não deixar a louça suja, e não deixar o lixo na porta, porque isso atrasa o nascimento da criança. E a gestante em hipótese nenhuma não pode comer peixe, ovos, e alguns tipos de carne: isso dá *poasy'a* na gestação e o parto é muito demorado e dolorido. No caso de *poasy'a* de ovos, dá parto seco. De acordo com a pesquisadora guarani Gomes (2023, p. 40),

Dentre as principais regras a serem cumpridas na gravidez de uma mulher, há uma série de responsabilidades de acordo com a cultura a ser cumprida, e também se deve cuidar dos alimentos consumidos para não dar efeitos como convulsões. Na nossa língua, identificamos esses efeitos como *poasy'a*. Para isso, os cuidados eram redobrados por partes dos pais; se essas regras não fossem cumpridas, a mulher grávida poderia sofrer no dia do parto, e também a criança nasceria com alguma sequela.

No entendimento da autora, é “Maldição por não cumprir a dieta indicada pela parteira ou pela mãe e, assim, ao parir, a mulher terá consequências. Então, a cuidadora terá que perguntar a ela qual dos bichos ela consumiu, ou quais as regras que ela não obedeceu” (Pereira, 2020, p. 42).

De acordo com Gomes (2023, p. 53), a árvore *yvychin guasu* é uma planta tradicional que é usada quando a mulher está grávida, só uma vez, para se banhar. Não pode ser usado mais que uma vez, porque pode causar aborto. Com essa árvore a mulher toma banho para, quando o bebê for nascer, ficar liso e nascer rápido. Outro remédio é o *yvychin mirim*, este usado já na hora do parto. A diferença entre esses dois remédios é que o *yvychin guasu* é para banhar e o *yvychin mirin* é para tomar chá. Esse *yvychin mirim* tem que tomar quando já estiver sentindo dor. Ele é encontrado só no brejo, e o de árvore é encontrado na mata.

CAPITULO III

SABERES, CUIDADOS E CONHECIMENTOS QUE SÃO PASSADOS DE GERAÇÃO A GERAÇÃO

São inúmeros os saberes e conhecimentos das parteiras, e que elas aprenderam na prática, no dia a dia, assim como as rezas e os cantos, e o conhecimento de como manejar as florestas sem prejudicar os ecossistemas. E elas fazem, também, remédios para mulheres que não conseguem ter filhos, por exemplo.

3.1 Cuidados e saberes que vêm do conhecimento das plantas

Duas das plantas usadas são *membyja* e *jaguaretepokuê*. Mas as plantas sozinhas não fazem efeito: é preciso passar por *nhembo'e*. Essas plantas são tomadas no chimarrão ou no tereré. Outra planta muito utilizada é encontrada nos brejos: é conhecida como *pohã roysã*, língua-de-vaca. Essa planta é utilizada no período puerpério, e as mulheres que estão com muita cólica no período menstrual também podem tomar. A maioria das plantas utilizadas pelas parteiras são os remédios que são encontrados nos brejos. Algumas plantas nem precisam ser fervidas, especialmente língua-de-vaca, *pohã roysã*. Apresento as plantas medicinais mais utilizadas pelas parteiras:

Figura 39 – Planta *membyja*



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Figura 40 – *Jaguaretepokue*



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

Essas plantas são utilizadas como método contraceptivo. Passam por *nhembo'e* e são engarrafadas para as mulheres tomarem durante o resguardo. As parteiras sempre fazem quando cuidam da gestante. Atualmente algumas mulheres optam por esses tipos de método tradicional.

Figura 41 – *Pohã roysã* (língua-de-vaca)



Fonte: Arquivo da autora, 2024.

As parteiras fazem também os remédios contraceptivos tradicionais. Elas cuidam e orientam as parturientes na alimentação, visitam semanalmente, fazendo o pré-natal tradicional, e fazem remédios para parturientes que estão com dores, aplicando compressa na barriga com plantas medicinais. No período de resguardo é preciso tomar remédios para fortalecer o corpo da mulher. Um desses remédios é o “*jate'i ka'a*”, que a mulher tem que tomar depois do parto (Canteiro; Yamazaki, 2020, p. 180).

As parteiras falam da importância dos cuidados após o nascimento do bebê, pois nesse período de resguardo pode acontecer um evento que as parteiras chamam de “*ojevohea*”: a criança não pode chorar muito nesse período pois, segundo elas, se o bebê chorar muito, o crânio do bebê pode se abrir e levar a óbito. E se a criança não for cuidada, pode afetar a sua saúde física e psicológica.

As parteiras falam também de *recaiza* pós-parto. Por isso a presença das parteiras, da sogra ou da mãe daquela mãe do bebê é de extrema importância durante 7 ou 8 dias, pois a mulher não pode pegar vento, tomar banho de água fria, lavar roupa, andar descalça. Na *recaiza* dá fraqueza no corpo, febre, corpo mole. Se não for tratada, pode levar a óbito. Os

remédios para *recaíza* são *perurilha*, chifre-de-boi, moído e fervido, tomado como chá, e também banho de assento com plantas medicinais.

3.2 Como as parteiras cuidam das crianças

O cuidado das parteiras com as crianças começa ainda na barriga da mãe, principalmente quando a criança está atravessada na barriga, causando dores e desconforto. As parteiras definem essas crianças como *mitã nhemõin*, ou seja, as crianças que possivelmente serão mais rebeldes no futuro. Por isso, com as massagens, as parteiras já conversam e orientam as crianças para terem o *Teko Porã*. Assim, no *jepixi* (massagens), aos 8 meses, começa o cuidado para o parto. Na gestação, também é muito importante as parteiras cuidarem da alimentação das parturientes, pois tem uma série de prescrições e interdições. Antigamente era mais fácil seguir essa prescrição, pois a alimentação de antigamente era mais da roça, da caça e da pesca. Atualmente, tudo o que consumimos nós compramos, e isso afeta a nossa própria saúde, especialmente a saúde das parturientes.

Após o nascimento, ressaltam a importância de o bebê não receber visitas e não pegar vento durante 7 dias, porque existem diversos tipos de pessoas: briguentos, fofoqueiros, invejosos, entre outros. Assim como as parteiras definem *heko porã* (bem viver), há o *heko vaiva*. Através dessas visitas, o bebê *ojevohea*, começa com choro intenso da criança. Por isso elas conscientizam principalmente os pais de primeira viagem a massagear a parte frontal da cabeça do bebê. O único remédio para *jevohea* é crânio de macaco, que é usado no banho do bebê. A carne de macaco era consumida pelos anciões, e o crânio eles deixavam para usar como remédio, porque o macaco é considerado um animal ágil, forte, saudável, e não adoece facilmente.

E logo depois vem o *nhemongaraí* (batismo). Os pais já escolhem quem vai ser *paíno* (padrinho) ou *maína* (madrinha). No *nhemongaraí* as crianças recebem o *kaxumbita*, que é um amuleto para afastar os maus espíritos, e que protege as crianças de doenças. O *kaxumbita* é feito pelo padrinho ou madrinha (*paíno* ou *maína*) e só é entregue depois de passar por *nhembo'e*. O *kaxumbita* é entregue na hora do batismo. Um outro é para o desmame, que o padrinho ou madrinha faz quando o bebê completa quatro meses: esse *kaxumbita* para desmame é enrolado com pele de animais, e dentro dele é colocada uma boca

de coelho, que é para a criança desmamar mais rápido. Esse amuleto com boca de coelho é tirado logo depois do desmame.

Segundo Cáceres (2021, p. 15),

Por meio do *nemongarai* é gerada, por conseguinte, uma rede de parentesco, não necessariamente consanguíneo, pela qual se estabelece a responsabilidade sobre os cuidados e a isso se somam os ensinamentos tradicionais do *mitã* - criança, requerendo que o processo se dê na coletividade durante todo o processo de formação identitária.

Figura 42 – *Ñemongarai* de Noah Castelão Franco



Fonte: Arquivo da autora, 2021.

A touca e pulseira vermelha geralmente é entregue no batismo. É confeccionada pela madrinha, e passa por *nhembo'e* e *purahéi*. Protege a criança de inveja, mau-olhado, doenças e espíritos ruins. A touca e pulseira vermelha é como o *kaxumbita* (amuleto), pois tem o símbolo de proteção; mas *kaxumbita* se usa a vida toda, já a touca e a pulseira são mais usadas nos primeiros dias de vida, ou quando a criança está muito doente. Como o *nhemongarai* não tem mais na aldeia, a confecção dessas toucas é feita quando a criança está doente. Geralmente a criança usa de duas a três semanas. No caso do meu filho, a Venância

achou importante ele usar porque ele adoecia toda hora, e era necessário ele passar por esse ritual, mesmo sendo só eu e a madrinha. Ele recebeu o nome *Ka'aguy*.

Já o *kambyryrujere* (ventre virado) é até 7 e 8 anos de idade. É uma doença comum nas crianças. E outra é a infecção na boca, “*juru ai*”. A infecção na boca é tratada com sangradeira e *arachichu*. A introdução alimentar antigamente era aos 9 meses. As mães nunca se alimentavam perto de seus filhos durante esses 9 meses. Atualmente, os pais se alimentam perto de seus filhos e, dessa forma, a criança acaba se alimentando cedo.

Segundo o pesquisador Valiente (2023, p. 82),

Em bebê também ocorre o *purusy'a*: quando a mãe, durante a gestação, come certo tipo de peixe, como tilápia, curimba, pacu, traíra, dentre outros que não são recomendados durante a gravidez. A tilápia possui uma infecção na boca, semelhante às aftas. Caso este peixe for consumido na gestação, depois que o bebê nascer e no decorrer da infância, pode correr o risco de produzir aftas – *juru vai* – no lábio.

Nos primeiros meses e anos, a criança fica mais com ventre virado *kambyrurujere*. Tem duas formas de *kamby ryru jere*: uma quando a criança fica com *kamby jere* comum, que a massagem é feita na barriga e nas pernas; e outra é *kamby ryrujerejovai*, quando é mais grave, e nesses casos a massagem é pela direção dos braços e nas costas. A massagem é sempre feita com *ka'arē* (erva-de-santa-maria), gordura de animais e *nhemboe'e*.

Figura 43 – Teresa Velário (em memória) atendendo uma criança com *kambyryru jere*



Fonte: Arquivo da autora, 2022.

A Teresa era uma grande referência quando a criança ficava com *kambyryrujere jovai*, quando o *kambyryrujere* era por região dos braços, pois ela era a única que conseguia acertar o *joavy* no braço da criança.

De acordo com Duarte ([2019], p. 3),

Os sintomas causados por espasmos no músculo do diafragma, que usaremos o termo em guarani; *kamby ryru jere*, se apresentam em criança pequenas, nas que estão em fase de engatinhar, nas que estão começando a andar, e, segundo as mulheres sábias, até no máximo aos 7 anos de idade em crianças, mas que é raro de acontecer. Segundo esses relatos, existem dois tipos distintos desse problema: o que é mais comum, causando diarreia (*kamby ryru jere*), e o mais complicado, que é o que causa também vômito (*kamby ryru jere jovai*), esses sintomas são acompanhados por falta de apetite e rápida desnutrição; o que, se não for curado a tempo, podendo se agravar até mesmo levar a óbito.

Algumas crianças com transtornos psicológicos precisam de cuidados até na adolescência. De acordo com Lewkowicz (2016, p. 124):

O *nhe'e* (alma, palavra, nome) enviado pelas divindades só será bem assentado no corpo da criança no momento que ela começar a caminhar e falar, assumir a postura ereta. Até então, a criança ainda não se conformou completamente (e essa completude nunca será de fato alcançada) como pessoa e seu *nhe'é* tem que ser convencido de ficar nesta terra, sendo a manutenção do cordão umbilical uma das práticas importantes nesse sentido. A humanidade não está garantida no nascimento, mas é através de certas práticas e cuidados cotidianos que se produzem corpos humanos (pessoas) e não “outros”, refletindo um princípio de instabilidade crônicas dos corpos.

Na cultura kaiowá, o *nhe'e ayvu* é o espírito que dá a vida a um ser humano.

A Venância Centurião relata que o maior desafio para ela é a sua religião neopentecostal, por proibir as suas práticas e saberes tradicionais; mas que não pode deixar os saberes e conhecimentos de lado, aqueles que aprendeu com sua mãe, avó e madrinha. Não pode deixar as crianças que precisam dos cuidados dela. Quem mais a procura são mães com filho que estão com *kambyryrujere*, ou com criança que tem dificuldade para dormir ou comer ou que está com infecção na boca.

Eu não poderia deixar de contar sobre uma prática que aconteceu no passado e que, atualmente, é conhecida como infanticídio. Nas aldeias Ysa'ukue, Mbaraka'y e Pyelito, era comum as crianças que nasciam com deficiência serem enterradas vivas. Assim que o bebê nascia, se as parteiras percebiam que a criança havia nascido com alguma deficiência, elas jogavam um pano no rosto da mãe e enterravam a criança recém-nascida. A criança

poderia ser enterrada perto das casas ou então na mata. Por muito tempo, as crianças especiais eram vistas como maldição, e se as parteiras não as enterrassem, eram perseguidas. Com o passar do tempo, as próprias mães das crianças fugiam com seus filhos, para se protegerem e protegerem os seus filhos.

O cuidado de recém-nascido em que as parteiras eram responsáveis sempre foi diferente do ambiente hospitalar, pois o acesso era restrito apenas à parteira e aos pais: apenas eles tinham acesso à criança, ninguém mais poderia entrar no local. O bebê não podia sair para fora ou pegar vento, e o resguardo era respeitado pelos parentes e comunidade. O resguardo envolvia também a espiritualidade e a medicina tradicional, e o cuidado espiritual, tão importante quanto o cuidado físico. E, assim que a criança nascia, já se iniciava o cuidado com o cordão umbilical, lavando-se a área com espinheira-santa, *cangorosa* de brejo. Essa planta tem efeito cicatrizante, para não infeccionar o local. Se utiliza também pena de galinha: queimando um pouco de pena, é preciso moer a pena queimada e passar no umbigo do bebê. Também se usa a casca de caracol: tritura e passa no umbigo.

As parteiras orientam os familiares a escolher um só bule ou panela para esquentar a água para a criança tomar banho. Essa panela ou bule não pode ser usado para outros fins: se for usada, a pele do recém-nascido fica infeccionada. Orientam também para não torcer ou espremer as roupas de recém-nascido porque, segundo os mais velhos, isso dá muita dores no corpo de recém-nascido, conhecidas em kaiowá como *ojehetepoka*. As roupas de recém-nascido se devem lavar antes do sol nascer, e a roupa deve ser recolhida do varal antes do pôr-do-sol. Nesses dias os pais não podem fazer nada, nenhuma atividade, e não podem mexer em objetos pontiagudos ou objetos cortantes como machado, faca, facão, foice etc. Da mesma forma, o pai do recém-nascido não pode jogar bola, não pode jogar sinuca; já a mãe não pode fazer nenhuma atividade doméstica como cozinhar, lavar roupa, varrer etc., pois, se não cumprir, o umbigo do bebê sangra, acaba infeccionado e demora para sarar. Além disso, as visitas estão terminantemente proibidas durante o resguardo de 7 a 8 dias.

De acordo com a pesquisadora Gomes (2023, p. 27):

O resguardo dos pais é muito importante enquanto o umbigo da criança não sarar, é preciso continuar até se completarem 40 dias. Mas, depois que curar o umbigo da criança, tem que procurar algo para fazer: carpir, roçar, levantar cedo etc. O motivo pelo qual os pais tem que trabalhar durante o resguardo é para que os filhos fiquem guapos, ativos, para não se tornarem preguiçosos – e, se eles fizerem isso, vão ficar assim ativos para o resto da vida, enquanto,

se não fizerem nada durante o resguardo, vão ficar preguiçosos para o resto da vida.

O bebê só poderia ser apresentado aos parentes e comunidade depois do batismo *mitã nhemongaraí*. E as parteiras relatam que a relação extraconjugal do pai durante o resguardo é decisiva, pois nesses casos dificilmente o bebê sobrevive. Elas destacam como *mitã nhemoyrõ*: se não passar por mestres tradicionais, o bebê adoece e parte para o plano espiritual, pois o bebê entende que a sua chegada não é respeitada e que não é significativa.

E o banho do recém-nascido é com crânio de macaco durante 7 a 8 dias. O macaco é um animal ágil, inteligente, e dificilmente adoece; por esse motivo, o crânio é usado no banho. Só os mais velhos que têm o crânio de macaco, pois não existe mais esse animal na nossa reserva. E, se a criança tiver muita dificuldade para dormir, traz-se uma planta chamada *tamongue*. Essa planta passa por ritual de *nhembo'e* antes de se colocar na água que o bebê irá usar para banho, mas só pode ser usada no máximo até 5 dias: se utilizar demais a criança fica preguiçosa na vida adulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada na reserva Sassoró, com as parteiras kaiowá e alguns anciões da reserva. As parteiras são consideradas como *jekohá* nas comunidades, com suas crenças, rezas, saberes e conhecimentos que aprenderam com suas mães, tias, avós ou madrinhas. Elas têm grande representatividade: até hoje são referência no *Tekohá*. São as únicas que podem atender as crianças utilizando rezas, massagens e plantas. Nos atendimentos, se cria uma relação de confiança entre parteiras e parturientes.

Os meus interlocutores são todos da reserva Sassoró, exceto uma que mora no acampamento Pyelito Kuê. Essa parteira era também a bisavó da minha falecida sobrinha. Desde a partida da minha sobrinha Ana Júlia “Py’y” em 2022, no mesmo rio *Yhovy*, onde tem *maroma*, como tia, passar nesse local é muito difícil para mim. A emoção e a tristeza acabam tomando conta. Toda vez que passava nesse local, eu ficava repetindo para mim mesma: “por aqui foram os últimos passinhos dela em vida, e também a última vez que a vimos”. Esse foi o lado mais difícil na minha pesquisa; mas eu precisava contribuir com a comunidade, com a ciência e com as futuras gerações.

Os saberes, os conhecimentos e os cuidados das parteiras passam de geração a geração. É de extrema importância que as futuras gerações reconheçam o papel de cada um deles no nosso *tekohá*, pois são saberes e conhecimentos milenares. Atualmente, devido às queimadas, algumas plantas medicinais estão sendo escassas. Como pesquisadora kaiowá, é gratificante ter a oportunidade de fazer a minha pesquisa com as parteiras e anciões.

Esta dissertação apresentou a importância dos cuidados, rituais, saberes e práticas para manter os conhecimentos ancestrais das parteiras kaiowá, e a importância de destacar as parteiras indígenas tanto na academia quanto no território indígena. O nascimento de uma criança sempre foi muito importante para a família e também para a comunidade. A gestação, o parto e o período de puerpério sempre envolveu rezas, plantas medicinais, práticas e rituais. Quanto ao atendimento, era mais humano, na relação da parturiente com a parteira: era uma relação de amizade e confiança. Quando a Aldeia Sassoró se tornou reserva, tinha muitas parteiras, e era comum o seu atendimento; como também tinha muitas plantas, das quais atualmente algumas já estão escassas.

Destaco também a importância da roça kaiowá, o nosso *kokuê jopara*, pois a roça também é o espaço onde acontecem as primeiras atividades com a família, e o espaço de educação indígena que acontece na oralidade e prática. Da mesma forma, a Ciência Indígena sempre fez e faz parte da nossa vida kaiowá, que envolve a espiritualidade, pois na nossa concepção tudo tem seu *jará*: a nossa relação com a natureza sempre foi ritualista, respeitando os seres nela existentes. E a presença de mestres e mestras tradicionais é fundamental em um território indígena, como disse a *nhandesy* Marilda Duarte, *nhandesy* kaiowá da Reserva de Dourados: os mestres e mestras tradicionais foram enviados por Deus *nhandervusu remimboukuê*, e ressaltam a importância de mantermos a nossa roça tradicional, para fortalecimento da nossa cultura, além das rezas, *nhembo'e*, *purahéi*, *guaxiré*, *guahú*, e a nossa cosmologia, a Ciência Indígena e o nosso ser kaiowá.

Como pesquisadora kaiowá e juntamente com as próprias parteiras, ressalto que é fundamental manter vivos esses rituais, saberes, práticas e conhecimentos que ultrapassam a nossa geração. Espero que, com essa dissertação, eu possa contribuir com as pessoas sobre essa prática milenar, e com as gerações que ainda virão. Nesta caminhada, foram muitos aprendizados e vivências.

REFERÊNCIAS

- BRAND, Antonio. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra**. 1997. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Porto Alegre, 1997.
- BRAND, Antonio, “O bom mesmo é ficar sem capitão”: o problema da “administração” das reservas indígenas Kaiowá/Guarani, MS. **Tellus**, Campo Grande, v. 1, n. 1, p. 67-88, out. 2001.
- BENITES, Tonico. **A escola na ótica dos ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- CÁCERES, Natanael Vilharva. **Memória indígena: artesanato narrativo e tradição oral em Porto Lindo**. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2021.
- CANTEIRO, Eduarda; YAMAZAKI, Regiani Magalhães de Oliveira. Ideias, práticas e conhecimento das parteiras e parteiros da etnia guarani da aldeia Potrero Guassu-Paranhos. In: KNAPP, Cássio; MARSCHNER, W. R. (orgs.). **Educação e Territorialidade**. Dourados: Editora UEMS, 2020, p. 170-193.
- DUARTE, Edilaine Castelão. **Parteiras Kaiowá da Aldeia Sassoró**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu) – Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022.
- DUARTE, Waneide Garay. **A crença em métodos alternativos de cura na Aldeia Sassoró**. Artigo apresentado em disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade – Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, [2019].
- DUARTE, Waneide Garay. **Currículo de língua materna na escola indígena da reserva de Sassoró**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022.
- ESCOLA UBALDO ARANDU KWÊ-MI. **Projeto político-pedagógico da Escola Municipal Indígena**. Tacuru, 2015.
- GONÇALVES, Fátima Duarte. **Crenças abolidas pela religião dos não indígenas e suas consequências negativas no presente e no futuro na vida dos guarani kaiowá na Aldeia Sassoró no município de Tacuru - MS**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Direito) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Naviraí, 2023.
- GOMES, Irene Reginaldo. **A importância dos cuidados na gravidez, parto e pós-parto das mulheres guarani kaiowá da Terra Indígena Pirakua, Mato Grosso do Sul**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2023.

LESCANO, Claudemiro Pereira. **Tavyterã reko rokyta**: os pilares da Educação Guarani Kaiowá nos processos próprios de ensino e aprendizagem. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.

LEWKOWICZ, Rita Becker. **A hora certa para nascer**: um estudo antropológico sobre o parto hospitalar entre mulheres mbyá-guarani no sul do Brasil. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LOPES, Inair Gomes. **Rembi'u ypy**: alimentação tradicional como estratégia de etnoconservação da diversidade biocultural no tekohá Pirakuá. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022.

MARTINS, Elemir Soare. **Transformações nos papéis desempenhados pelas lideranças tradicionais na Reserva indígena de Caarapó, a partir da entrada de líderes evangélicos (1980 – 2017)**. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

MARTINS, Marcilene Lescano. **Roça Kaiowá**: cuidados práticos, rituais e técnicas de cultivo na reserva de Taquaperi. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2021.

MOIMAZ, Suzely Adas Saliba; RAMIREZ, Gleice Tibauje Vicente; SALIBA, Nemre Adas; SALIBA, Tânia Adas. Cuidados à saúde da gestante no âmbito da atenção Primária. **Saúde e Desenvolvimento Humano**, Canoas, v. 8, n. 3, p. 123-132, set. 2020.

MONTEIRO, John Manuel. Os Guarani e a história do Brasil meridional: séculos XVI-XVII. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.) **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. p. 475-498.

PERALTA, Anastácio. **Tecnologias espirituais**: rezas, roça e sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, 2022.

PEREIRA, Levi Marques. **Imagem kaiowá do sistema social e seu entorno**. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

PEREIRA, Lucia. **As políticas públicas para a saúde indígena e a política de saúde das mulheres kaiowá da reserva de Amambai, MS**: aproximações e impasses. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

PEDRO, Gileandro Barbosa. **Ore rekohaty (espaço de pertencimento, lugar que não se perde)**: do esbulho das terras à resistência dos Kaiowá da Terra Indígena de Panambi – Lagoa Rica em Douradinha, MS (1943 – 2019). 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

PIMENTEL, S. K. **Elementos para uma teoria política Kaiowá e Guarani**. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RIBEIRO, Rhuan Guilherme Tardo; CRUZ, Renato Souza da; DUARTE, Bruna Marques. A cosmologia do povo guarani e kaiowá e suas relações com o ensino de Ciências: educação escolar indígena e diversidade... In: Anais do sétimo Congresso Brasileiro de Etnomatemática. **Anais....** Macapá: IFAP, 2024.

ROMERO, Robson Lopes-Tupã Verá Rendy. **Avareko ha karai reko: o modo de ser Guarani e Kaiowá na perspectiva dos mais velhos**. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2023.

ROMERO, Romário Lopes. **História de Pyelito Kuê e a acampamento Pyelito contadas pelas anciãs e atuais lideranças**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu) – Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2024.

SCHADEN Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1974.

TOALDO, Ciro Jose; LIMA, Geovana Magri; MARTINS, Eliseu. Aculturação Indígena na aldeia Sassoró Guarani-Kaiowá – Tacuru – MS. **WebArtigos.com**. 2018. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/aculturacao-indigena-na-aldeia-sassoro-guarani-kaiowa-tacuru-ms/158209>. Acesso em: 15 out. 2024.

TROQUEZ, Marta Coelho Castro. **Professores índios e transformações socioculturais em um cenário multiétnico: a Reserva Indígena de Dourados (1960-2005)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2006.

VALIENTE, Celuniel Aquino. **Modo de produção coletivo Kaiowá na situação atual da reserva de Amambai**. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

VALIENTE, Makiel Aquino. **Categorias Kaiowá de construção e desconstrução da parentela — te'yi — na reserva de Amambai-MS**. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, 2023.

VALIENTE, Makiel Aquino; PALMA, Rogerio da. O Capitão na visão dos Kaiowá e Guarani do Tekoha Guapo'y/Reserva de Amambai. **Tellus**, Campo Grande, v. 19, n. 40, p. 123-136, set./dez. 2019.

VERA, Beatriz. **Espaço, árvores e plantas na Reserva Indígena Pirajuí: entre memórias e lugares de agora**. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

GLOSSÁRIO

Amba'y Rogue: folha de embaúba.

Jarás: guardião, dono.

Jarí: avó.

Jarijá: lírio.

Jekohá: base.

Kanhã vrava: cana-do-brejo.

Kokue jopara: roça misturada e diversificada.

Kyse pohã: *Hippeastrum sp.*

Maroma: arame liso.

Membyja: plantas para mulheres estéreis.

Nhamoí: avô.

Nhanderu: mestre tradicional.

Nhanderuguasu: Deus.

Nhandesy: mestra tradicional.

Nhembo'e: reza.

Ore jekohá: nossa base.

Pariparoa: pariparoba.

Poasy'a: consequências dos atos da gestação; maldição; consequência.

Pohã roysã: língua-de-vaca.

Pohãné: plantas que têm cheiro forte.

Sarambi: esparramo.

Seyro: cedro.

Tekohá: território.

Xe rogaygua: familiares que residem na mesma casa.

Xe sy: minha mãe.

Yryvu ka'a: arnica-do-mato.

Yvyra ryakuã: argelim.